O CAMPEÃO DAS PROVINCIAS

REDACÇÃO—J. E. d'Almeida Vilhena, Dr. J. M. Barbosa de Magalhães, Marques Gomes, Francisco de Magalhães e Firmino de Vilhena

ANNO XXXVII | **Assignaturas:** SEM ESTAMPILHA: Anno, 4$000 réis; Semestre, 2$000 réis; Trimestre, 1$000 réis; Avulso, 40 réis. COM ESTAMPILHA: Anno, 4$500 réis; Semestre, 2$250 réis; Trimestre, 1$125 réis; Avulso, 45 réis.—Pagamento adeantado. | PUBLICA-SE ÁS QUARTAS E SABBADOS — QUARTA-FEIRA 2 DE MAIO DE 1888 | **Publicações:** Correspondencias particulares, 40 réis por cada linha, no typo commum do jornal. Annuncios, 30 réis por linha; Repetições, 15 réis, accrescendo o imposto do sêllo.—Recebem-se annuncios annuaes, mediante contracto especial. | NUMERO 3:688

E' um dos nossos correspondentes em Pariz **Monsieur A. Lorette.**—Rua Caumartin, 61.

SUMMARIO: — INSUSPEITISSIMO.— O DESAPPARECIMENTO DO MEXILHÃO DA RIA D'AVEIRO.—MONUMENTO A JOSÉ ESTEVÃO.— ASYLO-ESCOLA. — NOTICIARIO. — SESSÕES PARLAMENTARES. —SECÇÃO AGRICOLA.—PARTE OFFICIAL.—FOLHETIM, CURSO DE PISCICULTURA PRATICA, *por Fernando de Vilhena.*—PAGINA LITTERARIA: RETROSPECTO SOBRE A QUESTÃO DOS LOGARES SANTOS; BRASÕES DA SALA DE CINTRA, *por Braamcamp Freire;* A VERDADEIRA NOBREZA; FOLHETIM, IVANHOÉ OU O REGRESSO DO CRUZADO.—CORREIO DE LISBOA.—TELEGRAMMAS.

AVEIRO

INSUSPEITISSIMO

A questão do banco de Portugal, que levou mais uma vez a desnortear a opposição parlamentar, foi repudiada pela parte séria da imprensa regeneradora, que não quiz ser conivente com as atoardas inconscientes da tribuna. Queriam alguns oradores que o governo interviesse e derimisse o pleito, reconhecendo-lhe faculdades que a lei lhe nega. O ministerio restabeleceu a sã doctrina, importando-lhe pouco os doestos e frandulagens rethoricas dos Demosthenes indigenas. Os jornaes mais sensatos deram razão ao governo, e infligiram aos proprios adversarios uma correcção fraterna.

Um d'elles, o *Jornal da Noite*, entre outras cousas, dizia hontem o seguinte:

«Sentiremos muito que desagrademos a alguns amigos—que entendem que esta questiuncula entre accionistas e mandatarios era bem boa questão para fazer a guerra politica.

«E sentiremos por elles, que não por nós, que áparte a modesta consolação de nos acharmos bem com a nossa consciencia e com as nossas tradições, sabemos que agradaremos a muitos outros, já soffrivelmente castigados pela [illegible] moniosa com que nos tempos que correm se põe e dispõe das responsabilidades e da acção e dispõe em beneficio ou patrocinio cãs haveresses e de opiniões em que elles não são ouvidos nem achados.

«Não, não seremos nós que accusando o governo pelas suas tendencias e pelos seus impetos frequentes de dictadura e de excesso de poder, vamos impelil-o a novos attentados, obrigando e compromettendo assim, necessariamente, a responsabilidade do nosso partido, ou pelo menos a das nossas noções e tradições politicas, a absolvel-o e a aplaudil-o, se elle para se livrar de maiores responsabilidades, acceitasse similhantes sugestões.

«Para nós a questão começaria a ser fundamentalmente politica no momento em que o poder executivo se permittisse intervir, directa e resolutivamente no conflicto.

«E se acceitassemos, que não aceitamos, o argumento de que elle é parte necessaria na questão, rasão a mais teriamos para lhe embargar a abusiva veleidade de querer ser tambem... juiz.

«Que se quer que o governo faça ou o que se imagina que póde legalmente competir-lhe fazer?

«Observa-se apenas que o governo póde suspender as resoluções do conselho geral. Póde; não tão absolutamente como parece suppor-se, mas póde realmente *suspender* certas deliberações.

«Mas essa faculdade ou esse direito não é illimitado e vago, tem de exercer-se dentro de uma precoituação soffrivelmente definida e de regular-se pela natureza e pelo objecto do contracto que explicam e fundamentam tal direito, por fórma a não invadir as faculdades e attribuições que a lei e o que os accionistas reservaram á administração particular do banco.

«Ora uma d'essas attribuições define-se terminantemente nas seguintes palavras:

«—Compete ao conselho geral do banco resolver sobre a *oportunidade, importancia, preço, e mais condições da emissão das differentes séries*, devendo observar-se em relação a estas o disposto na lei sobre sociedades anonymas.—

«Quem é o juiz d'estas resoluções?

«A assembleia bancaria, como a constituiram e como a regularam os estatutos. E acima d'ella e em relação ao exercicio e ás deliberações d'ella, lá estão os tribunaes, lá está o foro especial e competente, para garantir e para fazer valer os direitos de todos e de cada um dos accionistas.»

Paremos aqui. Basta a parte transcripta para provar a inanidade da accusação.

A opposição parlamentar é assim julgada pelos padres-mestres da confraria. O governo procedeu correctamente. Não lhe cabia a faculdade de intervir no processo, e se o fizesse, teria praticado enorme arbitrariedade.

E *puer* Ascanius exigia exactamente o contrario. E houve quem o acompanhasse na campanha que encetou contra a legalidade existente!...

O DESAPPARECIMENTO DO MEXILHÃO NA RIA D'AVEIRO

A parte que a imprensa do paiz tem tomado na questão do desapparecimento d'este mollusco das aguas da nossa bacia hydrographica, e nomeadamente o artigo editorial do *Diario de Noticias* de segunda-feira passada, leva-nos a accrescentar umas ligeiras considerações ás palavras, que n'este jornal publicámos, subordinadas a esta mesma epigraphe. Plenamente d'accordo com o illustre collega da capital, reputamos o desapparecimento do mexilhão como um facto que vem levantar graves embaraços á solução do problema da alimentação publica na localidade. A importancia d'este habitante das agoas na zona alagada d'Aveiro é de todos conhecida. Empregam-se na sua apanha muitos braços que ficarão sem trabalho, vivem d'ella muitas familias que têm diante de si um futuro de privações.

Não é intensão nossa apurar, n'esta conjunctura, responsabilidades, nem fazer accusações que viriam aliás a proposito. O abandono a que os governos lançaram as regiões hydrographicas e os assumptos que se relacionam com a industria da pesca, produziram estas tristissimas consequencias. E se o decreto de 2 de outubro de 1886 que approvou o Regulamento para a execução da lei de 6 de março de 1884, não viesse pôr termo a essa carniceria espantosa que anteriormente se praticava com plena annuencia dos poderes publicos, toda essa legião enorme de peixes, de crustaceos e de molluscos que povoam as nossas agoas, succumbiriam, em tres annos mais, á perseguição infame de que foram victimas por muito tempo.

O grande parque d'ostras que foi durante um longo periodo a maior riqueza da nossa terra, não poude resistir á exploração barbara e anomala que as auctoridades d'esse tempo consentiam e toleravam. 1868 foi o ultimo anno de producção normal. D'então até hoje o apparecimento de um ou outro exemplar é um phenomeno.

O *mexilhão* começou a rarear em setembro de 1883. Desde esse anno até 1885, o seu desapparecimento foi além do que era permittido esperar. Tornou-se relativamente raro. N'estas condições, é claro que o Regulamento que prohibe a exploração das aguas no tempo da reproducção das especies que as povoam, não podia evitar completamente o mal, que os abusos anteriores á promulgação d'aquella lei haviam produzido.

Não tractamos, pois, de averiguar agora quem foram os culpados d'esta verdadeira desgraça local. Vem de longe a responsabilidade, e não póde ella reflectir-se nos que hoje dirigem, tração da cousa publica. A esses incumbiu o destino a missão gloriosa de reedificar. E estamos certos de que o nobre ministro das obras publicas, um dos espiritos mais trabalhadores e mais energicos do nosso paiz, ha de saber cumprir brilhantemente esse difficil e espinhoso dever.

O sr. Emygdio Navarro tem sido o fomentador incansavel de todos os adiantamentos e de todos os progressos da agricultura e da industria nacional. A sua entrada no ministerio das obras publicas assignalou um periodo novo na historia da reorganisação de todos os serviços que respeitam áquelles dois ramos d'administração publica. Recebendo com uma coragem heroica a triste herança da desorganisação em que as industrias se achavam no paiz, o ponto culminante do seu trabalho sem treguas tem sido a reconstrucção de todo este enorme edificio.

A s. ex.ª devemos a primeira lei de protecção ás agoas, a satisfação das necessidades mais palpitantes das regiões hydrographicas. Foi s. ex.ª que pela primeira vez, n'este paiz, se lembrou de encravar a roda dos desatinos que lavravam pelas zonas alagadas e que anniquilavam por completo a mais abundante fonte de riqueza publica. Mas a organisação de um serviço d'esta natureza, não póde concluir-se em tão pouco espaço de tempo, bem sabemos. Persistir no caminho encetado é uma necessidade, e a energia do illustre ministro é, para nós, e para todos, penhor segurissimo de que entramos n'uma phase inteiramente nova.

Estamos certos de que s. ex.ª providenciará com relação ao desapparecimento do mexilhão da nossa Ria, ordenando a repovoação pelo systhema artificial—que nem outro póde ser já o methodo a empregar—e manterá como costuma as providencias coercivas dos abusos, que se praticaram até á publicação do Regulamento de 2 de outubro.

Pela parte que nos toca, empenharemos n'esta obra todos os nossos esforços e toda a nossa boa vontade. Se ella poder servir d'alguma coisa em tão util commettimento, disponham sinceramente de nós os que governam, porque temos um só desejo, uma só aspiração: trabalhar desinteressadamente na repovoação da enorme bacia hydrographica, que póde ser em curto espaço de tempo a maior fortuna d'Aveiro, e uma das mais solidas riquezas do paiz.

FERNANDO DE VILHENA.

MONUMENTO A JOSÉ ESTEVAM

Aveiro vae finalmente saldar uma grande divida, inaugurando a estatua do seu filho mais illustre e mais dilecto. Está definitivamente escolhido o dia 11 do proximo mez d'agosto para a inauguração do monumento que ao primeiro orador portuguez José Estevam Coelho de Magalhães, Aveiro vae erigir como prova do seu immenso affecto e da sua enorme gratidão.

Não foi o acaso que levou a benemerita commissão do monumento a escolher o dia 11 d'agosto para a sua inauguração. Esta data é uma das mais gloriosas da vida publica do grande tribuno. Um dos membros mais incansaveis da commissão, confiando demasiado nas minhas poucas luzes sobre historia contemporanea do nosso paiz, e informando-me que a fundição da estatua estava prestes a concluir-se, consultou-me ha tempo sobre o dia em que devia realisar-se a inauguração. A minha resposta foi, que havia muitas datas memoraveis mais ou menos ligadas á vida do nosso illustre conterraneo; mas attendendo á epoca em que mais convinha fazer a inauguração, e a posição, alliás felicissima, que o esculptor havia dado á estatua, me parecia que o dia mais proprio para essa grande festa nacional, pois José Estevam não é só uma gloria de Aveiro, é-a tambem do paiz inteiro, era 11 d'agosto, quadrigessimo oitavo anniversario d'um dos seus maiores triumphos parlamentares. Foi em igual dia de 1840 que elle pronunciou o seu famoso improviso sobre o projecto de lei de suspensão de garantias, motivado na revolução da vespera, improviso que tocou a maior altura o arrojo tribunicio, como disse Rebello da Silva, e que principiava assim:

«Entrou o prestito lugubre e traz debaixo das togas o decreto da morte. Poucos momentos de vida restam á victima; em breve, sobre o seu cadaver, levantará um throno a tyrania, mas tyrania que será funesta a quem a lembrou, funesta a quem a proteger, funesta a quem tiver de a executar.»

Este triumpho de José Estevam, não é dos mais lembrados, quando o devia ser. O seu principal biographo, Freitas e Oliveira nem sequer n'elle falla, o que não admira, pois as lacunas e enexactidões que se encontram no seu livro—*José Estevam esboço historico*—Lisboa 1863—são aos centos.

O primeiro escriptor que modernamente fez reviver o facto, foi o sr. Bulhão Pato no seu esplendido livro *Sob os cyprestes*, citando uma narrativa que do assumpto fez Alexandre Herculano, para n'um jantar brindar José Estevam, como primeiro orador de Portugal. Herculano foi testemunha ocular do triumpho alcançado por José Estevam e elle tomou tambem parte na discussão da lei sobre a suspensão de garantias. O sr. Bulhão Pato diz que o facto se passou na sessão de 11 de agosto, o que não é verdadeiro, pois foi na noite d'esse dia que teve logar a revolução que o motivou. Rebello da Silva já antes havia cahido no mesmo erro na *Revista contemporanea de Portugal e Brazil*, tomo 1.º, 1859, escrevendo:

«Em 11 de agosto, combatendo contra Rodrigo da Fonseca Magalhães, depois de mallograda a revolução da vespera, abriu uma das mais notaveis orações, de que ha memoria no parlamento, por um eloquente exordio, que Mirabeau teria orgulho de chamar seu».

A revolução a que se refere Rebello da Silva, teve logar na noite de 11 de agosto, como disse já, e o discurso de José Estevão, a que se refere s. ex.ª, foi pronunciado na sessão de 12 do mesmo mez.

Na biographia de José Estevão, inserta no tomo VII do *Diccionario Popular* e sem duvida escripta pelo sr. Pinheiro Chagas, diz-se que o que motivou o governo a apresentar o projecto de suspensão de garantias foram as sedições militares de Lisboa e a revolução de Miguel Augusto. Isto não é verdade. A revolução de 11 de agosto foi mais popular que militar, e a do tenente-coronel Miguel Augusto de Sousa só teve logar depois, foi em 26 d'esse mez.

Em resposta a José Estevão, proferiu Garret o melhor discurso de sua vida, segundo affirmam alguns dos que o ouviram. O discurso de Garret era de tal fórma reaccionario, havia n'elle tantas passagens contrarias á liberdade que ella sempre defendera e por quem sempre pugnara, que o não consentiu na sua publicação. Nem mesmo o seu extracto se encontra nos jornaes do tempo. Conjectura, o sr. Gomes de Amorim. *(Garret—Memorias historicas, tomo II, pag. 596)*, «quanto á não restituição do discurso, que relendo-o no remanso do gabinete, o inutilisou, segundo fez a tantos outros, receioso de excitar mais as paixões e odios politicos que andavam já bastante irritados».

Se foi brilhantissimo o discurso de José Estevam, não o é menos o artigo que sobre o assumpto e discussão d'elle escreveu no dia seguinte para a *Revolução de Setembro*. O artigo é admiravel, e como artigo politico é tambem talvez o melhor que saiu da penna do grande e immortal tribuno. A sua extensão não me permitte reproduzil-o aqui, mas publical-o-hei bem como alguns outros n'um trabalho historico que preparo para o dia 11 d'agosto proximo. E' portanto o dia 12 d'agosto a data escolhida para a inauguração do monumento, e não o dia 11 como pareciam indicar os escriptores que citei, porque a proceder-se assim falsear-se-hia a historia.

MARQUES GOMES.

ASYLO-ESCOLA

O *Bohemio*, publicação modesta mas civilisadora, que vê a luz n'esta cidade, dedica á creação do *Asylo-Escola* o seguinte artigo, em que se faz plena justiça á rasgada iniciativa do nosso dilecto collega, dr. Barbosa de Magalhães, que trabalha por dotar a sua terra natal, com melhoramentos materiaes e moraes que a tornem digna da cathegoria que occupa n'esta circumscripção administrativa:

No meio d'esta prostração systhematica que nos invade e amolenta, surprehende-nos sobremaneira um impulso elevado que se percebe como o estalo d'uma bomba.

Barbosa de Magalhães, o deputado por Ovar e presidente da commissão executiva da Junta Geral, acaba de mostrar á sua terra e ao districto o quanto póde uma vontade energica, e uma firmeza brioza.

Vae dar-nos um *Asylo-Escola*, um estabelecimento d'alto valor, que produzirá fatalmente os mais salutares resultados.

Ha ahi um *Asylo* sómente destinado para a educação de meninas. Mas, fallemos com franqueza, esse estabelecimento, que pretende inculcar-se como uma excellente obra, não é mais do que um escarro.

Aquillo não tem fundamentos solidos, nem fins positivamente uteis. O seu ensino é acanhadissimo: saber ler e escrever mal, pontear dois trapos, fazer coturnos e rezar a ladainha, eis o triste cabedal instructivo que essa casa fornece ás creanças.

E isso não é nada. As bazes em que assenta esse estabelecimento são pôdres.

Entra para alli uma creança, e é entregue ao dominio d'uma directora, que ao mesmo tempo é professora. Ora essa senhora será honesta, respeitavel, mas não possue os elementos necessarios para guiar aquelles tenros espiritos na senda escabrosa da vida. No fim, quando essas creanças completam doze annos, os estatutos da casa apontam-lhes o meio da rua.

E é n'essa idade melindrosa, n'essa phase perigosa, que a pobresinha sahe desprotegida, abandonada. Olha para os lados, mas não conhece ninguem: toda essa gente que passa lhe é estranha. Sente-se enormemente contrariada, e no seu espirito acanhado de pensamentos tristes, desconsoladores, que se desfazem n'um pranto soluçado.

Depois, a creança caminha avante, ás apalpadelas, ignorante, bisonha, deixando ver um aspecto idiota, e, se a felicidade a não ampara, escorrega e cahe no tremedal nojento onde chafurda o vicio e a deshonra.

E' esse o destino lamentavel que espera as creanças ao sair da porta do nosso actual *Azilo*.

Barboza de Magalhães comprehendeu isso, e no seu cerebro começou desde logo a germinar uma grande ideia: crear um *Azilo-Escola* para ambos os sexos, onde a par d'uma instrucção mais firmemente modelada, se ministrasse o conhecimento d'uma profissão util e civilisadora.

E' um arrojo de grande alcance humanitario que tornará o seu nome immortal.

E essa ideia vel-a-hemos em breve transformada n'uma realidade palpavel, sublime. O *Azilo-Escola* vae instituir-se proximamente.

E' o que se vê, e é assim que se caminha na verdadeira estrada da civilisação. Palavreado balofo causa fastio. Quer-se energia, deseja-se vigor, ambicionam-se prosperidades.

D'outro modo Aveiro será sempre o eterno Aveiro dos ovos molles e do mexilhão, e d'aqui não passará.

O *Azilo-Escola* vem prehencher uma enorme lacuna. Vae o desamparo achar um conforto, e a vadiagem uma salvação. Os beneficios que essa maravilhosa instituição vae espalhar pela mizeria e pelo infortunio do nosso districto hão de ser necessariamente proficuos, hão de prestar rigorosamente á sociedade os mais avantajados serviços.

E' porisso que Barboza de Magalhães tem direito á nossa admiração e respeito.

Renato Franco.

NOTICIARIO

Notas da carteira.—Chegam hoje a esta cidade, no comboyo da tarde, o nosso apreciavel amigo sr. José Soares da Cunha e Costa, talentoso alumno da Universidade, e o digno presidente da tuna conimbricense.

— Faz annos hoje uma gentil filhinha do nosso querido collega e benemerito deputado da nação, dr. Barbosa de Magalhães.

Chegada.—Por noticias chegadas n'este momento de Liverpool sabemos, que o nosso presadissimo amigo o ex.mo sr. Augusto Cezar de Almeida, d'Albergaria, cuja viagem ao estrangeiro há dias aqui noticiamos, chegára áquella cidade, de perfeita saude, no dia 20 de abril ultimo, tendo a felicidade de haver encontrado tambem de saude sua ex.ma esposa e filhinha, pelo que sinceramente o felicitamos.

Tambem sabemos, que o nosso excellente amigo teve uma viagem feliz, sendo isso para nós mais um motivo de prazer. D'aqui enviamos a s. ex.ª um aperto de mão muito cordeal e sincero.

Melhoras.—Continuam as da ex.ma sr.ª Viscondessa da Silva Melo. E'-nos grato poder dar esta tão agradavel noticia.

Obito.—Surprehendeu-nos no domingo uma noticia bem amarga. Corria por ahi que tinha fallecido em Louzada, a sr.ª D. Anna Angelica Ribeiro de Lima, viuva de um honrado amigo nosso, Bazilio Matheus de Lima, que foi aqui vice-presidente da camara. Aquella sr.ª era septuagenaria e tinha convalescido havia pouco de uma bronchite renitente, que a forçou a guardar a cama por algumas semanas. Porém seu filho estava em Lousada, suas filhas tinham de fixar ali a sua residencia, e ella quiz ir tambem para ali, para o seio dos que a amavam. Foi. Mas aquelles ares são mais finos, e os encommodos da jornada perturbaram-na de tal modo, que dias depois da sua chegada era cadaver. Succumbio aos estragos de uma pneumonia. E lá jazem na orfandade os filhos adorados, que eram a luz dos seus olhos, o alento da sua alma.

Aos nossos amigos Basilio Matheus de Lima e José Ferreira Correia de Souza, filho e genro da finada, e a suas filhas, o nosso sentido pezame.

Distincção merecida.—O sr. dr. Eduardo David e Cunha, distincto medico e professor do lyceu, de Vizeu, e primo do nosso presado amigo e collega o sr. Henrique da Cunha, foi agraciado com o grau de cavalleiro da Legião de Honra.

Felicitamos o agraciada, e enviamos-lhe o nosso parabem.

Correcção merecida.—O digno agente do ministerio publico na comarca de Arganil, sr. dr. Coutinho Garrido, reprehendeu, com toda a indignação, uma testemunha, que em audiencia geral de 27 de abril, se apresentou a fallar contra a minoria de certa camara municipal, chamando-a facciosa, sem que esta alli figurasse como auctora ou ré. O facto tornou-se tanto mais reparavel quanto a testemunha em questão tem sido presidente, administrador substituto, sub-delegado, tabellião interino de notas, etc., etc.

Empregado addido.—Foi mandado fazer serviço na repartição de fazenda d'este districto o nosso estimavel amigo, o sr. Manuel Baptista Leitão, empregado intelligente e zeloso, que exerceu em tempo aqui o logar de escripturario.

Attenção.—Chamamos a do digno director das obras publicas do districto para a direcção que se pretende dar á estrada que ha-de ligar o apeadeiro das Quintãas com a freguezia de Requeixo. Pelo que nos informam o projecto, na Costa de Vallade, corta propriedades importantes sem nenhuma necessidade, quando póde evitar-se isso seguindo, com pequenas alterações, o caminho que das Quintãas segue para a Granja. O contrario d'isto augmenta enormemente a despeza d'expropriações e de construcção, e vae levar o damno e o desgosto a um grande numero de proprietarios, cujos direitos importa fazer respeitar.

Temos a maxima confiança no caracter e no espirito rectissimo do muito illustrado e muito digno director das obras publicas do districto, e certos d'isso podemos desde já afiançar aos queixosos, que são muitos, que a consideração pela sua justiça, ha-de ser plenamente mantida. Diz-se tudo affirmando que—sem nenhuma necessidade—só a um proprietario se cortam quatro propriedades importantes!

O que se pretende, no interesse não queremos saber de quem, não póde nem deve ser.

Espectaculo.—E' ámanhã a recita extraordinaria annunciada no nosso theatro, em que tomam parte alguns amadores, que apreciando a arte de Talma, pozeram o seu concurso ao serviço da humanidade para lhe suavisar as dôres do infortunio. Bem hajam as gentís sr.as, que juntaram aos seus notaveis predicados, mais um florão glorioso, que attesta a sua dedicação, enaltecida pelo elevado sentimento da caridade.

Vamos ter pois ámanhã uma recita de gala, porque é sempre grande, e bello e levantado, acudir aos necessitados, cujo lar a mão da desgraça velou dos crépes da viuvez ou da orfandade. Porque é nobre concentrar o esforço generoso para enxugar as lagrimas dos que soffrem a dupla perda dos que amaram na vida, e que lhes eram ao mesmo tempo os grangeadores do pão de cada dia.

Se o coração da mulher sente as amarguras dos que ficaram a prantear saudades, que nem sempre são

«delicioso pungir d'acerbo espinho»

o que diremos de quem tomou sobre os hombros a pezada cruz de levar á scena um drama, para com o producto do beneficio no theatro, acudir a tantas miserias imprevistas? O que havemos de dizer tambem dos que se lhe associaram no tentamen, fortalecendo-o nas horas de desalento, que as houve ao soprar-lhe ponteiro o vento das desillusões piedosas?

Não cansaremos em aplaudir ámanhã a todos, porque todos são dignos da consideração publica, das palmas das plateias, dos votos enthusiasticos dos camarotes, finalmente de quantos sympathisam com a nobreza de porte, que tão fidalgamente se exhibe, sem prevenções e sem capricho, como consciencia nitida apoz o cumprimento de um dever indeclinavel.

Para as victimas.—Como terminou a subscripção aberta pelo sr. Antonio Pereira Junior, com destino aos que ficaram em extrema necessidade depois do incendio do theatro Baquet, o mesmo sr. remetteu para o Porto a quantia existente em seu poder, na importancia total de 178$090 réis. De como ali foi acolhida a expontanea resolução do nosso conterraneo, dil-o o officio que em 30 d'abril ultimo lhe dirigiu o presidente da Associação Commercial d'aquella cidade, e que em seguida publicamos:

«...Sr.—Tenho a honra d'accusar a recepção do officio de v. datado de 24 do corrente que recebi por mão do ill.mo sr. Augusto dos Santos Gomes, d'esta cidade, bem como a quantia de reis 178$090, producto da subscripção aberta por v. n'essa cidade com o fim de soccorrer as victimas sobreviventes do incendio do theatro Baquet, e que v. se serviu depositar nas minhas mãos para ter a devida applicação.

Agradecendo a v. em nome da corporação a que presido, a confiança com que nos honra e em nome dos infelizes necessitados a generosa iniciativa de v., aproveito o ensejo para apresentar a v. os protestos da nossa consideração e estima.

Deus Guarde a v.—Porto, Secretaria da Associação Commercial 30 de abril de 1888. —...Sr. Antonio Pereira Junior, Aveiro.—(Assignado) *Barão de Massarellos*, Presidente.

Serviço policial.—Como dissemos no nosso n.º anterior a gatunagem desappareceu completamente das feiras e mercados do nosso districto. Apareciam ainda alguns restos d'essa praga nas feiras do concelho da Mealhada, que fica no extremo sul do districto; mas até alli chegou já a acção policial. No domingo proximo foi áquelle concelho o sr. commissario com dois policias e poderam capturar uma mulher que se occupava em limpar as algibeiras dos menos prevenidos. Apas [illegible] foi mettida logo d'Anadia, que réctas como são não deixarão de proceder devidamente contra quem se emprega em tão mau serviço.

Sabemos que o sr. commissario presta a maior attenção a este ramo de serviço—a este como a todo o mais que as leis lhe commettem—e isso não póde deixar de ser agradavel aos que sabem apreciar, no desempenho do serviço pubico, o cumprimento do dever.

Attenção. — Chamamos a do digno delegado da comarca para o attentado praticado nas obras da barra —attentado que não é singular, mas já repetido em differentes infelizes, cujas mães se queixam do infortunio das pobres victimas.

Nós não concebemos que haja crime social mais detestavel, e temol-o mesmo como a brutalidade mais condemnavel que o homem póde praticar. E em circumstancias tão agravantes cremos que nunca se praticou facto algum.

Confiamos inteiramente na acção do poder judicial, que é aqui composto de magistrados respeitabilissimos.

A estatua. — Terminou a fundicção, no arsenal da marinha, da estatua de José Estevam, cujo trabalho correu regularmente e de modo que muito honra os artistas nacionaes. Diz-se que a cabeça está uma perfeição, e por isso a commissão iniciadora pensa em dar-lhes, uma gratificação, como lembrança apenas. Por occasião da inauguração haverá ruidosos festejos publicos.

Reedificação. — Continua a obra da reedificação da egreja d'Angeja, por bastante tempo embaraçada—mau grado publico. A falta d'accordo entre a junta de parochia e o empreiteiro produziu o mal que todos lamentavam. Felizmente e graças aos esforços do digno e zeloso prior da freguezia, a obra prosegue, e oxalá que chegue á sua conclusão. O contrario d'isso seria de muito damno para a parochia e de grande desgosto para os que tanto se empenharam na obtensão dos meios que habilitaram a junta a emprehender tão importante e tão necessaria obra.

Novenas. — Principiam na proxima sexta-feira as novenas de Santa Joanna Princeza no artistico e historico templo de Jesus. Estas praticas religiosas que costumam chamar alli numerosissima concorrencia, tem logar ás cinco e meia horas da tarde.

O mez de Maio.—Começou na terça-feira este mez, denominado poeticamente das—flôres—e cujo começo é festejado em muitas terras com populares descantes e adorno nas casas e nos campos de vistosas flôres, sendo em algumas localidades a giesta amarella a predominante, e aqui a flôr do sabugueiro, vulgó—*maias*. As mães costumam preservar a *entrada do maio* nos seus filhos, pondo-lhes castanhas piladas debaixo do travesseiro, que elles de manhã devoram com um apetite reparador!

Tempo.—Voltaram as desejadas manhãs serenas e limpidas a annunciar no mostrador do anno estas horas suaves de primavera, estação encantadora em que o campo, esse teatro das grandezas exhuberantes da creação, é o livro mysterioso aonde estão classificadas e patentes á admiração das gerações as leis sapientissimas da natureza, aonde o poeta enamorado vae pedir a sua melhor inspiração.

Prisão voluntaria.—Veio apresentar-se aqui á prisão ha dias o rapaz, que matou outro em Cacia.

Assumptos agricolas.—Correm bem as cousas agricolas. O tempo não póde ir mais favoravel para tudo o que respeita á industria mãe. As vinhas, as oliveiras, as arvores fructiferas, os paes machos, os milhos, e os arrozaes temporãos mesmo—tudo, tudo está como melhor não póde estar. Prevê-se, a correrem assim as cousas, que teremos um anno fertilissimo.

Trabalhos marnotaes.—Desenvolvem-se os trabalhos nas marinhas. Ha grandes estragos nas vedações d'ellas. Os muros soffreram [illegible] muito com os temporaes e proprietario ha que tem de fazer despezas grandes para as repôr no estado de segurança em que se achavam e em que é preciso que estejam para se segurarem contra novas tempestades.

Trabalho no mar. — Começou já o serviço do mar em algumas costas do norte do districto. Na Torreira houve ha dias petinga muito razoavel, que obteve no mercado o preço de 1:000 réis o milheiro.

E' de crer que depois do fim do mez corrente o trabalho se generalise em todas as costas. Por emquanto e principalmente para companhas justas, é muito cedo.

Mercado de sal.—Sobe de preço. As ultimas vendas effectuaram-se já por 22$500 reis os 15:000 litros, e dentro de pouco subirá mais —pela simples razão de que escasseie o genero e augmenta a procura. E a nova producção vem longe ainda.

Noticias d'Ovar. — Sa[illegible] do nosso estimado collega *Ovarense* as seguintes noticias:

Melhoramentos municipaes.—Acha-se entre nós o distincto conductor de Obras Publicas sr. Antonio Aureliano [illegible] ção da camara, levantar ás praias [illegible] todos os melhoramentos com que ella projectou enriquecer o concelho. O habil engenheiro começou já o estudo e traçado da estrada de Riomeão á Barrinha d'Esmoriz, e d'outras, da praça do peixo na Villa, etc. etc.

Dr. Anthero Garcia. — Vindo de Alcobaça, com licença para tractar da sua saude, temos entre nós este distincto magistrado e nosso ex-collega n'esta redacção.

Capella do Furadouro.—Vão em breve começar finalmente os trabalhos da construcção d'esta capella que as necessidades religiosas da praia de ha muito reclamavam, mas a que o snr. Aralla, com o devido respeito, sempre oppoz pequeninas tricas, impedindo até final que alguns benemeritos d'este e d'outros concelhos a levassem a cabo. No local para ella destinado está já muita pedra e saibro; de maneira que tudo leva a crer que seja construida até ao fim do proximo verão.

Palheiros do Furadouro. — Volta novamente á praça, hoje, 29, a construcção dos palheiros, que a camara destina aos pobres que perderam os seus no ultimo incendio do Furadouro.

Consta-nos que será a ultima praça, mas se a licitação não convier á camara, esta não entregará e pensou já em outro meio de indemnisar os pobres dos prejuizos causados.

Estrada concellhia.—Em conferencia realisada em casa do sr. Manuel Caetano de Pinho, de Avanca, os dignos presidentes das camaras d'Estarreja e d'Ovar resolveram mandar construir, á custa das duas camaras, uma estrada que, no limite do concelho, e seguindo por esse limite, parte desde o logar do Paço em Avanca até ao logar de Seixo de Cima em Vallega. E' uma obra muito proveitosa para os dois concelhos.

Doentes.—Vão melhores os nossos amigos srs. Ribeiro, escrivão de fazenda, e Ribeiro, escrivão de direito. Estimamol-o do coração.

Publicações. — A MODA ILLUSTRADA.—Ha muito que entre as mais distinctas elegantes este jornal está sendo a grande *fashion*, não só pela novidade, como pelo exquisito bom gosto dos seus figurinos, cujo finissimo tom pariense se accentua em todos os modelos alli publicados.

O n.º 225, publicado ultimamente, vem o mais attrahente que se póde imaginar tanto no que respeita ás ultimas modas como na parte litteraria. Cada numero d'este importante jornal consta de 12 paginas, 8 das quaes inteiramente cheias de gravuras, uma folha de figurinos coloridos e outra de moldes, custando apenas 200 reis.

Assigna-se na casa editora David Corazzi, rua da Atalaya, 40 a 52, Lisboa.—No Porto, na sua Filial, Praça de D. Pedro, 127, 1.º andar.

Pelas melhoras d'el-rei.—Dizem de Braga, com data de 26, que esteve imponentissimo o *Te-Deum* pelas melhoras d'el-rei. Officiou o sr. arcebispo. Era numerosa a concorrencia. Estavam todas as auctoridades, collegios, seminario, camara, relação e camara ecclesiastica, representantes de todas as associações, centro progressista, asylos, professorado, officialidade do 8, cavalheiros de todas as classes, muitas senhoras da primeira sociedade, etc. Percorrem as ruas bandas de musica. Grande manifestação de regosijo.

A visita de sua magestade o rei da Suecia.—Lê-se nas *Novidades:*

«Ainda se não sabe ao certo se é no dia 12 do proximo mez de maio, que sua magestade o rei do Suecia e Noruega chegará a Lisboa,

O régio viajante vem por mar, e de Gibraltar, onde tenciona demorar-se algum tempo, é que avisará do dia exacto em que deve desembarcar em Portugal. Diz-se que uma divisão naval irá esperal-o fóra da barra. Se isso se realisar, conservando-se o tempo lindo que tem feito, deve ser uma brilhante recepção, concorrendo para esse fim não só os navios da associação naval, mas todos os outros que se reunam no nosso porto.

O rei da Suecia será installado no Paço da Ajuda, nos mesmos aposentos do andar nobre, que foram occupados pela sr.ª infanta D. Antonia, e que ficam ao lado dos actualmente occupados por sua magestade el-rei.

A comitiva do rei da Suecia compõe-se do conde de Rosen, mordomomór, do barão Essen, ajudante de campo, d'um camarista e d'um medico da real camara.

Na viagem que sua magestade el-rei fez o anno passado ao estrangeiro, um dos monarchas que o recebeu com mais cordialidade, com mais brilho e com maior enthusiasmo, foi o rei da Suecia e Noruega.

Typhos.—Em muitas povoações dos concelhos da Meda e Trancoso tem grassado com bastante intensidade a epidemia dos typhos, fazendo numerosas victimas, e o terrivel morbo tende a alastrar-se, e além d'isso a alargar a area da sua devastação.

Libertação dos escravos no Brazil.—Conta a *Gazeta de Noticias* do Rio de Janeiro, que o projecto que o governo brazileiro vae apresentar ás camaras para acabar com a escravidão é assente nas seguintes bases:

Libertação immediata e total

Os libertos (pois em virtude d'esta disposição não haverá mais escravos) ficarão sujeitos á prestação de serviços por mais tres mezes, aos ex-senhores, vencendo salarios estipulados na lei. Fóra d'este praso, o liberto contratará com quem lhe convier o seu serviço, cujo salario terá um unico regulador, a lei economica da offerta e da procura. Durante dois annos o liberto será obrigatoriamente localisado no municipio de sua residencia que tem occupação certa. Esta parte da lei providenciará sobre a regulamentação simultanea da vadiagem e vagabundagem, já de algum modo previsto nas leis anteriores.

Imperador da Allemanha.—Apesar do optimismo das noticias officiaes parece que, infelizmente o estado do imperador Frederico continua a ser desesperado. Eis as informações que um dos officiaes da casa imperial dá, em carta particular, a um jornal estrangeiro:

«Eis o estado actual do imperador: Está aguentado unicamente por meio da morphina, que em grande dóse, lhe é applicada interna e externamente e que o torna completamente insensivel. Se não fosse a sua robustissima organisação já teria morrido á muito tempo. O casamento do principe Henrique deve ter logar no dia 5 de maio, por se esperar que a vida do imperador chegue até lá. Isto não é ainda official, mas está decidido em familia. O cancro continua a lavrar constante e progressivamente. Impossivel de lhe obstar. O imperador não é um homem. Se a religião protestante tivesse santos, devia ser canonisado, porque não houve santo algum que soffresse tanto como elle e com tão grande paciencia e resignação. Conhece o seu estado e espera a morte com a maior piedade, com a maior coragem que se póde imaginar.»

A viagem da rainha de Inglaterra.—Os telegrammas de Berlim referem que a rainha de Inglaterra chegára alli na manhã do dia 24.

Além de grande concurso de povo, aguardavam-a na estação quasi todos os membros da familia imperial. A recepção foi extremamente carinhosa.

A rainha de Inglaterra abraçou ternamente sua filha a imperatriz Victoria.

O kronprinz offereceu o braço á rainha e guiou a carruagem que a conduzia, bem como á imperatriz, até ao palacio imperial.

A multidão que estacionava nos arredores da estação saudou a rainha de Inglaterra, dando-lhe provas inequivocas de respeito e sympathia.

Poucos momentos depois celebrou-se uma affectuosa entrevista ente a rainha e o imperador Frederico. Este quizera levantar-se para a receber, mas os medicos não lh'o consentiram.

A soberana de Inglaterra recebeu n'aquella mesma tarde a visita da imperatriz Augusta, viuva do imperador Guilherme. O grande chanceller devia visital-a tambem no dia seguinte.

Bismarck, duque.—O imperador Frederico, querendo dar uma prova manifesta do alto apreço em que tem os serviços do principe de Bismarck, pensa em eleval-o á dignidade de duque.

Mas antes de conceder ao chanceller esta distincção honorifica, que é a mais nobre da Allemanha, fez-lhe saber a sua intensão. Bismarck, ao mesmo tempo que manifestava ao imperador profundissima gratidão pela projectada mercê, rogou ao soberano lhe permittisse recusal-a.

Fundou esta resolução no facto da sua fortuna pessoal não ser sufficiente para corresponder a tão alto grau nobiliarchico.

Exposição de Maria Thereza em Vienna.—O imperador da Austria abriu no dia 16 d'este mez a exposição de Maria Thereza, collecção muito interessante de artigos relativos ao reinado da grande imeratriz. Os promotores da exposição, conde Zichy, principe Matternich, principe Batthyani Stralteman e outros, procuraram obter collecções publicas e particulares, visitando para esse fim palacios, mosteiros, conventos e mesmo egrejas; e resultou d'aqui reunir-se uma riquissima e notavel collecção de pinturas, armas, arreios militares, joalherias, livros, gravuras, trajos, objectos de arte curiosissimos e cartas.

Estas ultimas, que se contam aos milhares, formam um dos maiores attractivos da exposição. Maria Thereza escreveu em estylo varonil, e as notas marginaes escriptas nas cartas e officios que lhe dirigia o seu ministro Kaunitz, revelam em cada linha grande decisão de caracter.

Estas são escriptas, na sua maior parte, em francez, são cartas verdadeiramente maternaes, embora começassem sempre com as palavras *senhor* ou *senhora* respectivamente. Uns apontamentos e notas em um fragmento de papel recordam os actos diarios da soberana. D'estes apontamentos consta que se levantava ás 6 horas e se deitava ás 9.

O imperador Francisco José, quando se lhe apresentou o conde Zichy, ouviu um pequeno discurso que este lhe dirigiu, no qual disse que, se sobreviessem tempos turbulentos, todas as nacionalidades da monarchia repetiriam o grito dos hungaros em Pressburgo a Maria thereza: «Moriamur pro rege nostro.»

Maria Thereza, d'Austria, era filha de Filippe IV, rei de Hespanha. Nasceu em Madrid em 1638; casou em 1660 com Luiz XIV, e morreu em 1683. Seu esposo, chorando a sua morte, disse: «E' este o unico desgosto que ella me deu.»

A imperatriz era muito devota mas foi a muler que mais captivou Luiz XIV, deixando por ella outras relações que entretinha.

Um espião prussiano.—Escrevem de Genebra para a *Justice* de Paris:

Acaba de dar-se aqui um facto que póde ter grande importancia; as auctoridades de Genebra procederam á prisão de Sydney Odanne, esse antigo official prussiano que fôra preso em Lyon sob a prevenção de espionagem e tentativa de roubo d'uma espingarda Lebel, e depois expulso do territorio francez e novamente preso depois em Bellegarde por ter infringido a sentença de expulsão.

Odanne completou então tres mezes de prisão, e quando expirou esse praso de pena refugiou-se aqui, d'onde escreveu a M. de Bismarck pedindo-lhe cem mil francos, sem o que, elle entregaria ao governo francez os numerosos documentos colligidos por elle quando era instructor do Kronprinz Guilherme, e durante as numerosas missões de que foi encarregado em França pelo ministro da guerra allemão.

M. de Bismarck respondeu-lhe com uma ordem do tribunal de Berlim, exigindo a prisão d'Odanne, sob a accusação de tentativa de exploração e roubo, e recommendando a apprehensão de todos os seus papeis. Odanne foi preso em sua casa, mas a policia não encontrou nenhum papel. Comtudo, um agente descobriu um recibo passado por um tabellião de Genebra.

Foram a casa d'este e encontraram documentos importantes, que agora estão sendo examinados pelo tribunal.

Odanne vae com certeza premunir-se contra a exigencia da extradicção, que parece pouco regular.

*

A *Justice*, de Paris, publica um novo telegramma de Genebra, que diz o seguinte:

Genebra, 25.—Julga-se que o caso Sydney-Odanne será fertil em incidentes.

E' realmente verdade o ter este individuo produzido alguma agitação na Irlanda; depois tendo sido despedido do logar de confiança que tinha junto do principe Guilherme, foi encarregado de altas missões pela chancellaria allemã. Elle pretende ter sido empregado pelo ministro da guerra francez, o general Campenon, o que parece pouco provavel visto este aventureiro ter estado em França unicamente para expionar.

A unificação do calendario.—M. Eugene Desvaux apresentou á Academia Franceza uma nota relativa á unificação do calendario. Os Estados do Oriente, diz elle, que desejassem unir-se ao systema gregoriano não tinham necessidade de imitar a medida radical tomada no Occidente no seculo XVI, (a qual consistiria em subtrahir immediatamente doze dias ao anno), por causa das perturbações que esta medida iria acarretar ás relações civis e commerciaes. Para produzir a coincidencia entre as duas metades da Europa, bastaria que os Estados orientaes adoptassem a resolução de supprimir o dia 29 de fevereiro durante meio seculo. No 1.º de janeiro de 1883 a differença ficaria realisada definitivamente no 1.º de janeiro de 1941.

SESSÕES PARLAMENTARES

CAMARA DOS DIGNOS PARES

Sessão de 27 de abril

Presidencia do sr. João Chrisostomo; secretarios os srs. Ressano Garcia e conde de Paraty.

Abriu-se a sessão ás 2 1|2 horas da tarde. Presentes 23 dignos pares.

Acta approvada.

Foi aprovado, depois de ligeira troca de explicações entre os srs. ministro da fazenda e Thomaz Ribeiro, o projecto de lei permittindo o pagamento, em 50 prestações, das contribuições no Funchal.

ORDEM DO DIA

Projecto de lei sobre as penitenciarias

O sr. Thomaz Ribeiro combateu o projecto, propondo que elle voltasse á commissão.

Respondeu-lhe o sr. ministro da justiça, ficando pendente a discussão.

—

Sessão de 28 de abril

Presidencia do sr. João Chrisostomo secretarios os srs. Ressano Garcia e conde de Paraty.

Abriu-se a sessão ás 2 1|2 horas da tarde, estando presentes 19 dignos pares.

O sr. Thomaz Ribeiro fallou sobre as difficuldades levantadas pelo bispado de Melliapor para a execução da concordata.

O sr. ministro dos negocios estrangeiros disse que a concordata ainda não estava em inteira execução.

O sr. visconde Moreira de Rei queixou-se da insalubridade de Lisboa, aggravada pela obstrucção da canalisação.

O sr. ministro dos negocios estrangeiros declarou que preveniria o seu collega das obras publicas.

ORDEM DO DIA

Projecto de lei sobre as penitenciarias

O sr. Telles de Vasconcellos fallou toda a hora, atacando o projecto.

A seguinte sessão é na terça-feira.

—

CAMARA DOS SRS. DEPUTADOS

Sessão de 27 de abril

Presidencia do sr. Rodrigues de Carvalho; secretarios os srs. Francisco Medeiros e Alpoim Borges Cabral.

Abriu-se a sessão ás 2 1|2 horas da tarde.

Presentes 92 srs. deputados.

Acta approvada.

O sr. Eduardo de Abreu apresenton uma proposta para que haja sessões nocturnas.

Esta proposta deu logar a protestos da opposição, declarando o sr. presidente que a mesma proposta ficava para segunda leitura.

Os srs. ministro da guerra e Rodrigues dos Santos trocaram explicações sobre a promoção dos alferes graduados.

O sr. Dantas Baracho referiu-se á agitão em Sobral.

O sr. ministro da guerra respondeu que marchara para alli uma força por se receiarem tumultos, em consequencia da agitação dos espiritos.

O sr. Franco Castello Branco apresentou uma representação da Associação Commercial de Guimarães, pedindo a approvação do projecto de lei que converte a collegiada da Oliveira em instituto de ensino, e perguntou se mandava fazer as obras da escola industrial de Guimarães. Tambem quiz ouvir o sr. ministro das obras publicas sobre o caminho de ferro de Chaves.

O sr. ministro das obras publicas disse que mandaria fazer as obras da escola. Quanto ao caminho de ferro, disse que apresentaria uma proposta na proxima semana, fazendo questão da sua approvação.

ORDEM DO DIA

Interpellação sobre o porto de Lisboa

O sr. ministro das obras publicas disse que a questão era de sua exclusiva responsabilidade, podendo a maioria votar como quizesse.

Historiou que o finado estadista Fontes Pereira de Mello encarregára o sr. Mendonça Cortez de ir procurar empreiteiro para as obras do porto de Lisboa e o sr. Cortez tratára com o sr. Hersent, quanto ao concurso que Fontes Pereira de Mello entendia ser, se, nesta deserto.

Disse que mandára fazer tambem um projecto por engenheiros portuguezes; que os seus actos resolutivos n'esta questão foram sempre conformes com os pareceres das estações officiaes; que, tendo-se compromettido com a Associação Commercial a abrir concurso em 1886, encarregára o sr. Mattos de elaborar um novo projecto que fôra adoptado incidentalmente; que não procurára o sr. Pinheiro Chagas durante a sua doença, para não se dizer que na meza ainda se não encontrava o memorial para esta interpellação.

Ficou com a palavra reservada.

No fim da sessão, o sr. Franco Castello Branco pediu que as declarações feitas pelo sr. ministro das obras publicas com respeito á linha ferrea de Chaves ficassem registradas na acta.

O sr. João Arroio achou pequeno o praso dado aos accionistas do Banco de Portugal para a preferencia das novas acções, tendo sido apenas prorogado o praso para os tutellados.

O sr. ministro da fazenda disse que são attribuições do Banco, com que nada tem.

O sr. João Arroio replicou, e, quando dizia: «O sr. ministro da fazenda tivera o atrevimento de...» levantou-se tumulto por parte da maioria, ao que correspondeu a opposição.

O sr. presidente poz o chapéu, sendo a sessão interrompida.

Cinco minutos depois, foi a sessão reaberta, declarando o sr. presidente que o sr. ministro da fazenda compareceria á sessão seguinte.

—

Sessão de 28 de abril

Presidencia do sr. Rodrigues de Carvalho; secretarios os srs. Francisco Medeiros e Alpoim Borges Cabral.

Abriu-se a sessão ás 2 1|2 horas da tarde.

Presentes 73 srs. deputados.

Acta approvada.

O sr. presidente communicou que a camara municipal do Porto agradecera a comparencia da deputação nas exequias realisadas no templo da Lapa, por alma das victimas do incendio do theatro Baquet.

A proposta para que se realisem sessões nocturnas, foi enviada á commissão do regimento.

O sr. João Arroio requereu que se generalisasse o incidente sobre o praso concedido para a troca das acções do Banco de Portugal.

A camara approvou este requerimento.

O sr. João Arroio continuando no uso da palavra, disse ter a consciencia impolluta pois não custumava fazer insinuações encapotadas, mas sim dizer claramente o que julgava justo. Que não accusaria o sr. ministro da fazenda de peculato nem de concessão alguma por não ter provas para isso, mas que o accusava de ser, no poder, delegado de um syndicato.

O sr. ministro da fazenda disse que não quizera offender o sr. João Arroio.

Disse entender não dever intervir na questão do praso das acções do Banco de Portugal, pois que se tratava apenas de uma luta entre accionistas.

O sr. Frederico Arouca disse que as questões do Banco de Portugal pódem affectar os interesses do Estado.

Censurou a abstenção do governo no assumpto.

O sr. Antonio Centeno fez algumas considerações, sustentando que o governo não deve intervir na questão.

O sr. Franco Castello Branco disse que o sr. Antonio Centeno é dos que protesta como accionista e como deputado tem outra opinião.

O sr. ministro da fazenda replicou, sustentando que o governo não deve por fórma alguma intervir em tal questão.

A requerimento do sr. Madeira Pinto foi prorogada a sessão.

O sr. Consiglieri Pedroso censurou o procedimento da direcção do Banco de Portugal, assim como a abstenção do governo na questão.

O sr. Alfredo Brandão apoiou o procedimento do governo.

O sr. Frederico Arouca disse desejar ouvir a opinião do sr. presidente do conselho, sobre o assumpto.

Disse approvar o procedimento do sr. ministro da fazenda e disse que o governo resolveria a questão se os accionistas appellassem para elle.

A requerimento do sr. Estrella Braga foi julgada a materia sufficientemente discutida.

O sr. Franco Castello Branco pediu para que ficasse consignada na acta as palavras do sr. presidente do conselho. Foi approvado.

O sr. Dantas Baracho, sobre o modo de propôr, disse que desejava que na sessão de segunda-feira o sr. ministro dos estrangeiros, director do Banco de Portugal, désse a sua opinião sobre o assumpto.

Foi approvada uma moção apresentada pelo sr. Antonio Centeno, dizendo que: «A camara, satisfeita com as explicações do governo, passa á ordem do dia.»

O sr. Franco Castello Branco declarou, em nome da opposição regeneradora, que não requerera votação nominal, sobre a moção do sr. Centeno, por não se tratar d'uma questão politica.

A sessão, durante a qual as galerias estiveram completamente apinhadas de espectadores, terminou ás 6 horas e meia da tarde.

SECÇÃO AGRICOLA

A DOENÇA DOS CASTANHEIROS

A causa da doença dos *Castanheiros* não está bem conhecida, não obstante os estudos feitos em quasi todos os paizes onde o mal tem grassado.

Attribuiu-se primeiro a insectos lenhivoros, cujas larvas, abrindo as galerias no lenho e nos tecidos mais novos da casca, como acontece nas arvores de agulha, matavam muitos *Castanheiros.*

Ora, é certo que alguns insectos, e entre elles o *Platicus cylindrus* Fabr., o *Cerambix heros* Linn., o *Cossus ligniperda* Linn., a *Zenzera æsculi* Linn., etc., prejudicam os *Castanheiros*, fazendo mesmo seccar alguns; mas não proeuzem grandes devastações, e, além d'isso, nos *Castanheiros* mortos pela doença é muito raro encontrar lesões causadas por insectos, e a cuja gravidade se possa attribuir com fundamento a morte das arvores.

As intemperies tambem não pódem occasionar tão funestos resultados, pois que, no clima, decerto se não teem dado alterações que expliquem o desapparecimento successivo de muitos bosques de *Castanheiros* em determinadas regiões. O frio excessivo póde algumas vezes ser origem da morte de muitos *Castanheiros;* mas este facto só se dará com intensidade em logares que, pelas suas condições de latitude ou altitude, não estão rigorosamente dentro da verdadera área de habitação do *Castanheiro.*

O sr. Gibelli, julgou que a falta de potassa ou de phosphoro no solo podia ser a causa da molestia, como se deduzia, comparando os resultados de analyses chimicas feitas nas arvores sãs e doentes; mas as experiencias que realisou mostraram-lhe que a escassez d'aquelles principios tambem não tinha acção desfavoravel sobre a vegetação do *Castanheiro*, encontrando-se até magnificos soutos em terrenos muito pobres em potassa e phosphoro.

Não sendo a doença devida aos ataques dos insectos nem a influencias climatericas ou ao empobrecimento do solo, a causa deve ser o parasitismo fungico, que é muito frequente e nocivo ao arvoredo.

Vamos dizer o que se sabe sobre este ponto, resumindo o resultado das investigações que julgamos mais conscienciosas.

Nas raizes doentes, e já bastante decompostas, encontra-se algumas vezes um bolor que se apresenta com fórmas diversas. Suppoz-se que este bolor constituia o mycelio do *Agaricus melleus*, e que este cogumello que matava os *Castanheiros*, da mesma sorte que destroe outras arvores e produz grandes estragos tanto nas mattas folhosas como nas de agulha.

Este mycelio, porém, não se mostra com frequencia, e só apparece quando as raizes estão muito pódres, o que prova bem que se desenvolve no raizame depois d'este estar apodrecido ou muito doente. e. portanto. que não é te dos *Castanheiros.*

Nos seus preserverantes estudos sobre esta doença, o sr. Gibelli observou ultimamente que o fungo que pareceu ser a causa do mal, pois que sempre se encontra em todos os *Castanheiros* doentes, vive nos espongiolos ou radiculas mais finas; isto é: na parte mais activa das raizes, a qual reveste e envolve completamente com o mycelio, occasionando assim o atrophiamento e morte d'estes orgãos importantes da nutrição, e, por consequencia, destruição total da arvore.

Devemos notar que, segundo o professor que temos citado, este fungo, que só póde ser visto com o auxilio do microscopio, tambem se encontra nas raizes dos *Castanheiros* sãos, e ainda nas dos *Carvalhos, Avelleiras* e outras especies da familia das *Cupuliferas*, formando assim um parasita habitual n'estas plantas, em cujas raizes se fixa, sem, todavia, causar damno grave, quando os *Castanheiros* ou as outras arvores se conservam vigorosas e sadias.

O sr. Gibelli apresenta a seguinte hypothese, que parece muito acceitavel, para explicar a nocividade, em determinados casos, dos fungos que vivem nas raizes dos *Castanheiros:*

«Emquanto as plantas vegetam bem, a multiplicação successiva das radiculas não dá ao mycelio tempo nem espaço para se desenvolver muito; mas se, em razão de qualquer causa de soffrimento, acontece as plantas enfraquecerem, então o mycelio torna-se muito mais vigoroso, e apodera-se de todas as radiculas novas, á medida que ellas vão despontando.

O *Castanheiro* póde resistir durante dois ou tres annos contra este destruidor dos orgãos de absorpção; mas por ultimo, não podendo alimentar-se, em virtude de faltarem estes orgãos, secca e morre.»

Do que fica exposto deprehende-se que, o que hoje se sabe sobre a causa da doença, tem pontos ainda muito obscuros, pois que, admittindo mesmo que esteja provado que o parasitismo d'um fungo seja o agente morbido principal, quando se deem na arvore casos de enfraquecimento, seria tambem necessario mostrar quaes as causas d'esse enfraquecimento, que dispõe a arvore para ser victimada pelo fungo.

Sendo muito provavel que a doença se deva em grande parte ao parasitismo fungico, e posto que não se conheça remedio efficaz para a debellar, convém pôr em execução algumas medidas, que, quando não possam atalhar o mal completamente, ao menos difficultem, quanto possivel, o seu progresso.

Como já dissemos, a humidade favorece muito o desenvolvimento da doença, e por isso é conveniente abrir vallas fundas nos terrenos invadidos ou em risco de o ser, a fim de os enxugar. Estas vallas tambem teem a vantagem de dividir o terreno em differentes parcellas, que ficam isoladas umas das outras, e que, por conseguinte, difficultam o alastramento do mal.

A cava do terreno em montes, a qual o areja e enxuga bastante, tambem é muito recommendavel.

No começo, quando apparecem apenas algumas arvores doentes, deve-se arrancar estas, fazer uma surriba funda, juntar todas as raizes, misturando-as com matto e cobrindo-as de terra, e por ultimo lançar-lhes o fogo, fazendo d'esta maneira, no logar das covas, o trabalho conhecido pelo nome de *moreias* ou *borralheiras.*

Este meio de desinfecção só póde praticar-se quando as arvores atacadas são em pequeno numero, pois que, se a doença tem já alastrado muito, torna-se excessivamente dispendioso.

Estando o mal ainda incipiente, convém decotar as pernadas reaes, se o *Castenheiro* é manso, ou rolar a arvore, se é de talhadio.

Parece que esta operação, fazendo concentrar nas raizes a actividade vegetativa da planta, torna aquelles orgãos mais resistentes e menos propicios ao desenvolvimento do fungo, podendo dar-se o caso d'este parasita atrophiar e desapparecer. Quando se não consiga este resultado, poderá, em todo o caso, aproveitar-se ainda um córte, porque as madeiras de arvores pouco atacadas são de boa qualidade, o que não succede mais tarde.

C. A. de Sousa Pimentel.

PARTE OFFICIAL

SYNOPSE DO *DIARIO DO GOVERNO*

Diario de 26

Portaria esclarecendo a interpretação fiscal que deve ser dada ao vocabulo «bagagens» para o effeito da isenção de direitos.

Portaria determinando que se proceda a diversas modificações nos portaes e corredores do theatro de D. Maria II.

Diario de 27

Aviso de haver recepção de gala no paço real da Ajuda, no dia 29 do corrente, para solemnisar o anniversario da outhorga da Carta Constitucional.

Diario de 28

Audiencias concedidas por S. M. el-rei D. Luiz I para a entrega das credenciaes, aos ministros da Republica Argentina e Paizes Baixos.

Boletim de sanidade maritima declarando inficcionado da febre amarella o porto de Pernambuco, e suspeitos os demais portos da referida provincia.

Portaria approvando a planta cadestral para o lanço dos caminhos de ferro do Minho e Douro entre a estação do Pinheiro e estação central do Porto.

---

13 Fernando de Vilhena

CURSO DE PISCICULTURA PRATICA

PRIMEIRA PARTE

OS PEIXES

O numero e as dimensões das barbatanas dos peixes variam com as necessidades do seu organismo. Os que precisam atravessar grandes extensões, crusar correntes violentas, emprehender emigrações longinquas, e effectuar evoluções rapidas do fundo á superficie das agoas, apresentam, em regra, oito barbatanas, todas ellas muito desenvolvidas e animadas por feixes musculosos muito mais energicos e activos. As especies sedentarias, e, portanto, destinadas a viver em agoas tranquillas, sem correntes pesadas ou volumosas, não apresentam um tão grande numero de barbatanas, e a sua força muscular é extremamente menor.

Até na distribuição d'estes orgãos a Natureza foi assombrosa de previdencia!

As barbatanas do peixe são sustentadas por meio de *raios*, ou pequenos ossos articulados, cujo numero e consistencia variam com as especies. Alguns são verdadeiramente espinhosos, outros apresentam a fórma de ferrões, outros são extremamente flexiveis e compostos de uma enorme quantidade de pequenas articulações moveis. Todos os raios dos orgãos locumotores do peixe se articulam sobre os ossos inter-espinosos que estão ligados, na região inferior das barbatanas dorsaes, á columna vertebral.

As barbatanas do peixe dividem-se em *pares* e *impares*. As pares denominam-se *peitoraes* e *ventraes*. As impares, *dorsaes, caudaes* e *anaes*.

As barbatanas peitoraes constituem os membros exteriores do peixe e servem para dirigir os seus movimentos e modificar, no sentido conveniente, o da barbatana caudal. A sua posição e organisação destinaram a estes orgãos as funcções do movimento retroactivo. Entre a anatomia das peitoraes do peixe e dos braços dos vertebrados superiores ha uma correlacção visivel e immediata. Parece mesmo que a Natureza fez substituir, nos vertebrados inferiores, por egual numero de ossos e musculos nas barbatanas, os musculos e ossos dos braços dos mamiferos. A região em que estes orgãos estão collocados, no peixe, é exactamente aquella em que nos vertebrados superiores occupam a clavicula e o omoplata.

Estas barbatanas servem ainda para sustentar no peixe o estado de inercia absoluta. Abrindo em toda a sua plenitude as peitoraes e as ventraes, e firmando-se no lobulo inferior da barbatana caudal, o peixe póde pairar por muito tempo sobre o mesmo ponto, sem o mais sensivel desvio, e ainda sem abater um milimetro com a propria intensidade da corrente. E' por esta fórma que elle descança no seio immenso das agoas, refazendo-se de forças para continuar depois a lucta porfiosa pela conservação da existencia.

E já que, occasionalmente, nos referimos ao repouso do peixe, aproveitaremos a occasião para dizer que o somno d'estes animaes é excessivamente passageiro. Poucos momentos de inercia sobre a agoa resumem esse periodo de tranquillidade, que nos outros grupos é essencial ás funcções do organismo, e se prolonga durante muitas horas. Algumas especies dilatam a bexiga natatoria por meio da absorpção de um gaz muito pouco denso, e pairam assim, pela propria diminuição do peso, durante o tempo em que precisam descançar. O estacionamento, na agoa, por esta fórma, não é commum a todas as familias. Muitas ha que, em virtude da propria organisação, procuram os leitos solidos, dobrando as barbatanas, firmando-as na areia, na vasa ou nos rochedos, e servindo-se d'ellas como ponto d'appoio, por todo o espaço de tempo em que repousam. Outras preferem o abrigo da vegetação aquatica, occultam-se na folhagem, e ahi refazem os membros, n'uma tranquillidade creadora. Outras ainda, enterram-se na vasa dos talwegs e dos grandes fundos e ahi passam todo o inverno, sem proverem sequer á sua sustentação. E' uma lethargia que se prolonga quatro mezes e a que não pode por fórma alguma chamar-se somno, como veremos n'outro capitulo. Este phenomeno é vulgar em toda a familia *Labrii* a que pertence o bodião e a maragota.

Continuemos, porém, na ordem de ideias que iamos expondo. As barbatanas peitoraes, ordinariamente mais desenvolvidas que as ventraes, tomam algumas vezes grandes dimensões, chegando a constituir uma especie de prolongamento do corpo em alguns peixes, taes como entre o anjo, a arraia, a uge, o ourego, o ratão e a tramelga. N'estas familias as peitoraes têm a articulação parallela ao eixo do corpo. Em outras familias, como o voador, as peitoraes exercem as funcções de verdadeiras azas, encarregadas de os transportar, atravez do espaço, a distancias relativamente grandes, nas suas excursões extra-aquaticas.

As barbatanas ventraes, que correspondem exactamente aos pés dos vertebrados superiores, estão ligados ao *pelvis*, ás claviculas, ou ao sternum, e mais ou menos affastadas da cabeça, conforme as especies. Algumas familias ha que são totalmente desprovidas de barbatanas ventraes. Os *apodes* pertencem a esta cathegoria.

As barbatanas dorsaes, que são muito variaveis em numero, estão collocadas na parte opposta á barbatana anal. Como diz Cuvier, estes orgãos servem de quilha ao corpo dos peixes fusiformes. Auxiliam a direcção do movimento, e determinam mais ou menos a posição do animal sobre as agoas. As barbatanas dorsaes são movidas por meio de pequenos musculos superficiaes, constituidos por successivas camadas musculares sobrepostas. A mais pequena doença do peixe paralisa o movimento d'estas barbatanas.

Toda a familia *Salmonidae*, que se compõe de seis generos e dois sub-generos, e em cujo numero se conta o salmão e a truta, nas suas variadissimas especies, apresentam duas barbatanas dorsaes. A primeira é formada por uma série de raios mais ou menos numerosos, muito resistentes e ligados entre si por uma membrana, que opera os movimentos proprios d'este orgão locumotor. A segunda, porém, offerece ao espirito do observador uma divergencia radical da primeira, tanto na disposição, como na estructura dos raios e da membrana que os envolve. A segunda barbatana dorsal d'esta familia é formada por uma especie de raios rudimentares, envolvidos n'um verdadeiro saco membranoso, ordinariamente de côr escura, e muito similhante á crista dos gallos, com a differença apenas de não ser tão recortada na extremidade superior.

A sua contextura especial determinou a estes orgãos a denominação de *barbatana adiposa* porque vulgarmente se conhece. Grant, J. Palmer e Henry Presth insinuam que o desenvolvimento d'esta barbatana influe consideravelmente nos orgãos reproductores. Henry de la Blanchére põe em duvida a verdade d'aquella asserção, affirmando que se não póde saber se a barbatana adiposa tem ou não alguma connexão com o apparelho genital.

A barbatana caudal é de todos estes orgãos o que apresenta maior numero de musculos e mais acção na massa muscular. A sua prodigiosa força está na rasão directa da extensão vertical e da distancia ou affastamento do centro de gravidade do corpo.

A caudal apresenta diversas formas, segundo as especies: recta, chanfrada, semi-circular, bicarde ua em ponta de diamante, ou lusango.

Entre a cauda do peixe e a barbatana caudal, ha, todavia, uma differença que convém accentuar para se não incorrer no erro de confundir o orgão de locumoção com uma das numerosas e mais importantes peças que constituem os esqueletos dos vertebrados inferiores. A cauda parte do corpo do peixe em quasi todas as especies, e está situada na região comprehendida entre o anus e a raiz da barbatana caudal. Habituado a ver confundir sob a mesma designação estas duas peças tão differentes na estructura, na fórma e nas funcções que desempenham, entendemos do nosso dever deixar bem consignada essa divergencia, para evitar uma confusão tão erronea.

As barbatanas anaes estão situadas immediatamente atraz do anus. Servem para fazer descer o centro de gravidade do corpo, e para effectuar a mudança rapida da sua direcção. Constituem, por tanto, o verdadeiro leme do peixe. Estas barbatanas são os orgãos d'orientação do animal, que dirigem a sua marcha atravez dos centenares de milhas que percorrem na sua peregrinação constante. Na subida de um golpho, ou na travessia de uma corrente, em que é preciso costear as curvas sinuosas dos rochedos, as barbatanas anaes desempenham um papel da mais alta importancia para o livre exercicio das funcções locumotoras. Se não fossem dotadas da extrema flexibilidade, que thes permitte dirigir instantaneamente o peixe nos sentidos mais oppostos, o systema de locumoção dos vertebrados inferiores seria uma obra incompleta. Sem as barbatanas anaes, o peixe vogaria na agoa exactamente como um navio sem governo.

Apreciadas em geral e sob a sua accepção mais lata, podemos concluir que as barbatanas peitoraes e ventraes do peixe operam o movimento da transformação; as dorsaes e as anaes o movimento de equilibrio superior ou inferior; e a caudal o movimento de propulsão.

(Continúa.)

PAGINA LITTERARIA

RETROSPECTO SOBRE A QUESTÃO DOS LOGARES SANTOS

(Conclusão)

Este firman, conforme no fundo á communicação feita procedentemente á legação da França, causou com tudo uma viva irritação no governo francez que o considerou como um acto de natureza a annullar o protesto que tinha feito pela reserva dos seus direitos, e atacante da sua dignidade, mr. de Lavalette, que voltou a Constantinopla por esta epocha (26 de julho) na qualidade de embaixador recebeu ordem de reclamar a sua revogação. Com tudo, depois de debates cujo calor foi temperado pelas explicações francas e leaes da Porta esta pode não só manter o firman, mas ainda fazer acceitar á França este acto emanado da soberania do Sultão, e destinado a dissipar as inquietações sublevadas no espirito dos gregos a respeito dos seus privilegios religiosos.

Como se tratasse de pôr em execução a combinação obtida com tanto custo e difficuldades, a Porta decidiu enviar a Jerusalem um commissario *ad hoc*. A'afit bey, *beylikdji* (vice-chanceller) do Divan, foi escolhido para esta missão, e mesmo pelas suas funcções de chefe de repartição do Divan, era a pessoa mais ao facto de tudo que se tinha passado, e a mais apta para desempenhar missão tao delicada. As instrucções que se lhe deram estavam redigidas por A'ali pachá, e foram communicadas á embaixada da França e á missao da Russia. Esta ultima nao fez nem uma objecçao, excepto no que dizia respeito ás chaves da egreja de Bethleem; pretendendo dar outro sentido á communicaçao feita á Russia e ao espirito do firman entregue aos gregos, ella nao queria queria que se entregasse aos latinos uma chave da porta da egreja, unico objecto que a França tinha obtido depois de um tao grande debate, e que nao era nem uma concessao nova, nem uma derogaçao do *statu quo*, porque o proprio documento no qual os gregos se apoiam reconhecia claramente aos latinos o direito de possuirem esta chave.

Nova difficuldade, não menos imprevista, veio logo juntar-se áquella, apenas o commissario imperial chegou a Jerusalem (setembro) relativamente ao modo de communicaçao do firman de que era portador. Quando este firman fôra entregue ao patriarcha œcumenico de Constantinopla, em presença dos chefes leigos da communidade, a Porta, prevendo que muita solemnidade dada a este acto poderia excitar a susceptibilidade da França, havia-lhe feito prometter não pedir a leitura solemne d'este firman, que, mesmo segundo o seu theor, [illegible] conservado [illegible] no tribunal local, e era sobre esta promessa que a Porta havia, pela sua parte, promettido ao embaixador da França, que no entanto que se manteriam integralmente as suas disposições evitar-se-hiam nas formalidades todo o procedimento que a podesse ferir. A'afif bey teve por tanto motivo de ficar altamente surprehendido quando á sua chegada a Jerusalem, o patriarcha e o consul russo d'aquella cidade insistiram porque a leitura do firman fosse feita solemnemente em presença de todas as communidades. Desconcertado por este incidente que as suas instrucções não tinham previsto, e receiando os perigos que esta leitura podia trazer comsigo no estado de irritação em que se achavam os animos na Cidade Santa, viu-se obrigado a reportar-se a Constantinopla. O encarregado de negocios da Russia, prevenido ao mesmo tempo pelo consul de esta potencia em Jerusalem, dirigiu representações não ao ministerio dos negocios estrangeiros, mas ao gran-visir, Mehemetali pachá, ao qual representou a hesitação bem natural do commissario ottomano como uma violação do compromisso tomado pelo Sultão com a pessoa do imperador, accrescentando que, a questão estando alli por diante travada entre os dois soberanos, se dirigia pois a elle, não na qualidade de gran-visir, mas sim na de cunhado de Sultão. Como derradeira concessão á Russia, e para fazer desapparecer qualquer motivo de queixa e recriminações, a Porta, apesar da promessa que fizera á França, e assumindo toda a responsabilidade, dirigiu immediatamente ordens á A'afif bey, para elle dar á leitura do firman, não com restricções, como mais tarde o pretendeu a circular do conde de Nesselrode (1) mas com as formalidades do estylo, isto é no grande conselho de Jerusalem em presença do governador, do cadi, e dos fieis das diversas egrejas.

O embaixador de França, irritado e com rasão, endereçou representações mui instantes á Porta, que não obstante ainda conseguiu apasiguar a sua justa susceptibilidade.

O commissario ottomano em Jerusalem, depois d'este incidente da leitura do firman, preencheu todos os pontos da sua missão; porém quando chegou á entrega das chaves, novo debate se travou entre o clero grego, que pretendia que afora das duas chaves do altar, a chave da porta da egreja, que segundo as disposições do firman, devia ser entregue aos latinos fosse a de uma sahida lateral, que elles já possuiam. A'afif bey, depois de ter empregado todos seus esforços para fazer comprehender aos gregos, que, conforme á disposição do firman, e mesmo á dos antigos documentos que tinha em seu poder, era a chave da porta principal que se devia entregar aos latinos, e que a sahida lateral que elles possuiam, e cuja chave havia sempre estado em suas mãos era inteiramente fóra do debate, vendo que não podia fazel-os intender a razão, tomou o partido de se dirigir novamente á Porta.

Fuad-efendi, então ministro dos negocios estrangeiros, submetteu a questão a nova deliberação do conselho de ministros, na qual tomaram parte os membros ulemas da commissão. «Depois de um novo e minucioso exame dos documentos, o conselho declarou que não havia motivo para derogar a primitiva decisão, que uma chave da porta principal da porta da egreja de Bethleem fosse entregue aos latinos, que com tudo não poderiam alterar cousa nenhuma no *statu quo* da egreja. Novo relatorio do conselho foi presente ao Sultão, que o sanccionou, e a Sublime Porta enviou então a A'afif bey a ordem de executar esta nova confirmação da antiga decisão, e de terminar a sua missão fazendo, sempre conforme á decisão do conselho, collocar em logar d'aquella que se tinha [illegible] do governo.

Tal é a serie dos factos donde o governo russo tomou pretexto para accusar de *duplicidade* os ministros da Porta, e que motivaram pelo menos em apparencia, a partida do principe Menschikoff para Constantinopla, na qualidade de embaixador extraordinario, no mez de fevereiro de 1853.

O gabinete de S. Petersburgo não deixou de se entender a este respeito, como de uso, com as cortes do Occidente. Segundo a segurança dada então, mas que foi desmentida depois, a missão confiada ao principe Menschikoff não devia ter outro fim senão obter certas satisfações pessoaes para o imperador. O czar julgava-se offendido pelo procedimento dos ministros do Sultão no negocio dos logares santos; este procedimento, diziam os orgãos do gabinete russo no estrangeiro, era um desmentido revoltante da carta authographa do Sultão. Os gabinetes das Toleriae e de S. James não podiam na realidade recusar acceder a um passo apresentado sob tal fórma, da sinceridade do qual não tinham nenhum motivo de suspeitar.

Além d'isto, o momento parecia felizmente escolhido: a opinião publica tinha subitamente mudado na Europa a respeito da Turquia, depois da regeição do emprestimo; mesmo o Divan, pela sua actitude um pouco branda para com a Austria, por occasião da missão do conde Leiningen, fazia esperar uma especie de ardor em condescender com qualquer pretenção estrangeira; e os gregos, impellidos debaixo de mão, expressavam bem alto o seu descontentamento contra a Porta, que elles accusavam de cumplicidade com a França em Jerusalem. Todas estas circumstancias eram explicadas como outros tantos symptomas favoraveis ao exito da embaixada. Accrescentemos que a Inglaterra e a França não estavam representadas n'este momento em Constantinopla senão por simples encarregados de negocios o que devia dar mais pezo á acção da Russia e enfraquecer a resistencia da Porta izolando-a. Com effeito, lord Stadford de Redcliffe, bem que não estivesse ainda substituido no seu posto diplomatico em Constantinopla, desempenhado na sua ausencia pelo coronel Rose, continuava a habitar em Londres. Por outro lado, o decreto do *Monitor* de 17 de fevereiro, que nomeava M. de Lacour embaixador em substituição do marquez de Lavalette, não tinha ainda recebido sua execução.

Tal era o estado de cousas no fim de fevereiro de 1853, quando o principe Menschikoff se embarcou em Odessa com o seu sequito para ir a Constantinopla, ao mesmo tempo que consideraveis movimentos de tropas se effectuavam para as fronteiras da Moldavia, movimentos que se qualificam candidamente de «acontonamentos ordinarios de inverno.» D'aqui se seguiu a serie de acontecimentos que deram logar á guerra já travada.

(1) *Primeira circular do Conde Nesselrode*, datada de 30 de maio (11 de junho de 1853 n.° 16.

BRASÕES DA SALA DE CINTRA

AZEVEDOS

Esquartelado: ao 1.° e 4.° d'oiro aguia de negro: ao 2.° e 3.° d'azul cinco estrellas de oito raios de prata, bordadura cosida de vermelho e carregada de oito aspas d'oiro. Timbre a aguia.

Assim se encontram estas armas, apenas variando uo numero dos raios das estrellas, no *Livro do armeiro mór* a fl. 61; no *Livro da Torre do Tombo* a fl. 12 v., na fl. 28 do *Thesouro da nobresa* de Francisco Coelho, que carrega a aguia do timbre com uma das estrellas do escudo; no *Thesouro da nobresa* de fr. Manuel de Santo Antonio a pag. 37 da copia da Bibliotheca publica.

—

Corriam em Portugal tempos calamitosos. Uma guerra fraticida devastava o territorio portuguez, entretanto que n[illegible] feitos e rapidas conquistas, ia Fernando III dilatando os dominios da corôa de Castella á custa dos sarracenos.

Já varias cidades e povoações importantes lhe tinham cahido nas mãos, quando, em 20 de agosto de 1247, fechou o rei de Castella o cerco de Sevilha por terra e pelo rio.

Muitos cavalleiros portuguezes engrossavam as fileiras do exercito sitiante. D. Paio Peres Correia o famoso mestre de Ucles; D. Martim Fernandes, o valoroso mestre d'Aviz; D. Rodrigo Froiaz, o destemido senhor de Trastamara; D. Pedro Mendes, o esforçado senhor d'Azevedo; D. Fernão Pires de Guimarães; D. Reimão Viegas de Sequeira, e varios outros pelejaram n'aquelle memoravel e prolongado sitio.

Um dia, durante o cerco, convidou o prior do hospital a jantar na sua tenda a D. Rodrigo Froiaz e a D. Pedro Mendes d'Azevedo, que pousavam com as suas gentes além do Guadalquivir, sobre o arrabalde de Triana, no sitio em que capitaneava o nosso D. Paio Correia.

O prior, descuidado de qualquer correria dos sarracenos, tinha mandado parte dos seus homens d'armas a tomar a herva necessaria para as cavalgaduras, e só pensava, então, em festejar os seus convivas. Mas, como é bem certo que os trabalhos acodem, quando menos se esperam, foi a alegria do convite transtornada pelo apparecimento de quarenta cavalleiros mouros, que vieram á proxima veiga apresar as vaccas do prior, que ahi andavam pastando.

Ao ver tal levantaram-se os tres cavalleiros, e exclamou o mestre dos hospitalarios:

—Que é isto? pois assim havemos de perder as nossas vaccas?

—Mandae-nos dar armas e cavallos, a mim e a D. Pedro Mendes—lhe respondeu Rodrigo Froiaz—e vamos apoz elles: cá não é aguisado, se as vaccas podemos haver, de as perdermos.

—Mandae pelas vossas campanhas—disse o prior—e assim iremos apercebidos, cá não sabemos se são mais mouros que os que parecem.

—Nós os nossos temol-os além da villa—lhe retorquiu Rodrigo Froiaz—e, se por elles attendessemos, perder-se-hiam as vaccas: mas andae adiante e sigamol-os.

Entretanto lhes iam afivelando os escudeiros as armaduras. Depois, cavalgando e empunhando as lanças, correm os tres fidalgos, seguidos pelos poucos freires do Hospital que por ali estavam; e, em breve, depois de dispersos os sarracenos, recobram as vaccas quasi todas.

Vendo isto observou o prudente prior.

—Tornemos, pois perdemos pouco do nosso, ca poderá isto ser cilada.

A que o temerario D. Rodrigo Froiaz logo respondeu:

—Aqui não cumpre siso, pois os mouros levamos em encalço, e elles nos levam no rosto ás vossas.

Continuaram pois perseguindo os sarracenos, e, dentro em pouco, viram-se realisados os receios do prior do Hospital, pois que foram cahir em uma cilada de duzentos e sessenta cavalleiros agarenos, que encobertos os esperavam mais adiante.

Então se feriu rija peleja, aguentando os christãos com supremo esforço o ataque dos muitos mais numeros infieis.

Aos hospitaleiros bradava Rodrigo Froiaz, animando-os com o exemplo e com a voz:

—Senhores, e amigos, para isto é que foi estabelecida a vossa ordem de cavallaria, para exalçamento da christandade e abaixamento da lei de Mamede. Soffrede, e acomettei-os, e não percais as bondades, que sempre houve nos hospitalarios, nem as vossas vaccas que vos levam; ca, se perderdes uma que seja, ireis com vergonha ao arraial ante el-rei D. Fernando.

E emquanto proferia estas palavras, não cessava de batalhar ferindo á direita e á esquerda, e de cada golpe derribava um inimigo.

No arraial da parte de Triana avistavam os sitiantes a peleja, e corriam pressurosos, o infante D. Affonso, o mestre d'Ucles, e o senhor de Biscaia, com as suas gentes a accudir aos hospitalarios. Tinham, porém, de atravessar a Guadalquivir, e o vau apenas permittia a passagem a um de fundo; pelo que, quando poderam chegar ao campo da lide, já ella tinha findado com a desbarate dos mouros.

D'estes encontraram mortos 64, e dos freires 13. E acharam mortalmente ferido a

D. Pedro Mendes d'Azevedo, «que fez muy grandes feitos aquel dia per sas mãaos, ca elle era de muy gram coraçom e avemtuyrado em todos mesteres em que entraua.» (1)

—

D. Pedro Mendes d'Azevedo era filho de D. Mundo Bofino, rico homem importante da côrte da rainha D. Tereza, conforme ao *Nobiliario do conde D. Pedro*, que, n'este ponto, como em varios outros, erra. Com effeito a D. Mundo Bofino encontra-se confirmando uma escriptura da era de 1155, anno de Christo 1117 (2), e é portanto impossivel que, cento e trinta annos depois, ainda seu filho podesse dar tão rijas cutilladas em infieis.

E' curiosa a referida carta em que D. Mundo Bofino confirma. Foi feita ella em *terra Santa Marie ubi vocant Feira*, no mez de novembro da dita era, e, por ella, a infanta D. Theresa rainha de Portugal fez mercê a Gonçalo Eriz de lhe coutar a sua quinta d'Osselva (Ossella?). Na carta declara a rainha, que lhe fazia esta graça por Gonçalo Eriz haver dado um açor a D. Mundo Bofino, um rocim ao escudeiro Artaldo, e um gavião a Godinho Viegas, e por elle ir fundar, juntamente com a rainha, uma albergaria á beira da estrada *que currit de Portugal in directo de Petra de Aguila*.

De D. Pedro Mendes dizem que procedeu a antiga familia dos Azevedos, que derivaram o seu appellido de uma quinta d'este nome, situada na freguezia de S. Vicente de Pereira de Jusã.

Nas inquirições de 1290, as primeiras que D. Diniz ordenou, foram os inqueridores ao julgado da Feira, e, na freguezia de Pereira Jusã, apenas encontraram uma quinta honrada, que então pertencia a uma D. Joanna (3). Não nomeiam a quinta, mas póde ser fosse essa a d'Azevedo, que D. Joanna fosse viuva d'algum dos senhores da casa. Comtudo, pede a verdade se não encontra nos *Nobiliarios* nenhum Azevedo de quem, a esse tempo, podesse, com bastante probabilidade, haver uma D. Joanna viuva.

D. Joanna Vasques, filha de Vasco Martins da Cunha e mulher de Ruy Vasques d'Azevedo, não parece facil ser viuva em 1290, pois que seu pae morreu não velho pelos annos de 1308.

Entretanto dá-se, o facto singular de, nas inquirições do mesmo anno de 1290, na freguezia de S. Marinha de Real do actual concelho de Castello de Paiva, terem encontrado os inquiridores um casal *d'Azevedo*, que era honrado e pertencia a D. Berengaria (4).

Ora D. Joanna Vasques, mulher de Ruy Vasques d'Azevedo, teve uma irmã chamada D. Berengaria Vasques, que foi casada com Gonçalo Vasques d'Azevedo, irmão do Ruy Vasques. Seriam estas duas irmãs já então ambas viuvas? Seria a quinta d'Azevedo em Pereira de Jusã, que as inquirições não nomeiam, o primitivo solar d'esta familia, ou o casal d'Azevedo em Real?

«D'outras povoações denominadas Azevedos, que as inquirições nomeiam, se vê, pelo theor d'estas que não constituiam, a esse tempo nem honras, nem mesmo patrimonio de nobres (5).»

Extincta a varonia dos primeiros Azevedos e passado o seu solar a outros donos, formou-se a nova familia dos Azevedos, que alguns linhagistas pretendem deduzir, na sua varonia, dos antigos. Não encontro citados documentos em abono d'esta pretenção, e, a dizer a verdade, nenhum dos nobiliarios antigos meus conhecidos a confirma (6).

D'estes segundos Azevedos o certo, é que precedem de Lopo Dias de Azevedo, filho de Diogo Gonçalves de Crasto, senhor da quinta de Crasto na freguezia de Carrazedo, concelho d'Amares, e de sua mulher Aldonça Coelha, senhora da quinta do Souto da Ribeira d'Homem, no mesmo concelho.

Lopo Dias, estando em Guimarães a 6 d'agosto da era de 1429, anno do Senhor de 1391, tendo procuração de Joanna Gomes, sua mulher, mandou fazer por Alvaro Annes, tabellião d'aquella villa, uma escriptura da troca ajustada com João Rodrigues Pereira.

Por esta escriptura venderam os primeiros outhorgantes ao segundo a sua quinta de Pereira no julgado de Vermoim, recebendo em troca a quinta d'Azevedo no julgado do Prado, com todas as suas pertenças, couto, maladias, e honras, com exclusão do casal que trazia Gomes Aranha, etc. A procuração de Joanna Gomes foi passado na quinta de Crasto em 12 de julho precedente (7).

Parece, pois, ter sido esta quinta o solar d'estes Azevedos.

Lopo Dias d'Azevedo foi senhor de S. João de Rei (8), das terras de Bouro (9), Aguiar de Pena e Jales (10), todas de juro e herdade e das terras de Pereira, Alitureiras, Azoia, Villa Nova d'Anços, Reguengo de S. Leocadia e outras (11), e do Reguengo d'Alviela (12). Entrou na batalha d'Aljubarrota, casou com Joanna Gomes da Silva e foi progenitor dos senhores de S João de Rei, dos da quinta d'Azevedo, dos da Ponte de Sor, etc.

—

Ruy Gomes d'Azevedo, alcaide-mór d'Alemquer e senhor de Salvaterra de Magos em tempo de D. João I, entendem alguns linhagistas ter sido filho de Gonçalo Gomes d'Azevedo, alferes mór de Affonso IV e filho segundo da primitiva casa d'Azevedo. Foi Rui Gomes, progenitor dos Azevedos alcaides mores d'aquella villa, dos almirantes do reino, cuja casa passou para os Castros de Resende, e dos Azevedos de Elvas cuja varonia se extinguiu.

Thereza Vasques d'Azevedo, filha de Vasco Gomes d'Azevedo e sobrinha do alferes mór Gonçalo Gomes d'Azevedo, foi monja de Lorvão e amante de D. Francisco Pires prior de Santa Cruz de Coimbra!

D'este frade e d'esta freira nasceu um filho, que se chamou Gonçalo Vasques d'Azevedo, e que D. Fernando mandou legitimar por carta de 27 de fevereiro de 1375 (13). Era senhor da Lourinhã desde 1373, e cavalleiro, e, na carta de legitimação, é intitulado *privado;* facto desconhecido a Francisco Manuel Trigoso d'Aragão Morato ao tempo em que escreveu a sua *Memoria sobre a verdadeira significação da palavra Privado*, no tomo 11 das *Memorias da Academia*.

De Gonçalo Vasques dizem, que procederam os Azevedos de Castella, que n'aquelle reino tiveram a grande casa dos condes de Monterry, que usavam, com tudo, de bem differentes armas.

—

Estes são os principaes ramos de Azevedos. Ha muitas casas derivadas, mais ou menos directamente, d'esta familia, que se tem ramificado muito, e que seria fastidioso relacionar.

Braamcamp Freire.

(1) *Nobiliario do Conde D. Pedro*, tit. 21, § 4.° pag. 282 e 283, d'onde extrahi toda esta historia, e copiei o dialogo quasi *ipsis verbis*.

(2) Documento N.° XXXVI do appendice ao tomo 1.° das *Dissertações ckronologi-* [illegible]

(3) «Domingos perez de Pereyra [illegible] e perguntado sse en esta freeguesia *(S. Vicente de Pereira de Jnsã)* ha casa de cauaileyro ou de dona q se defenda por onrra disse q nõ logoar que chamã de Pereyra ha huaã quintaã q foy de fernã perna e de sseus Irmaãos. E ora he de dona Johana e disse q sim sempre trager per onrra q nõ entra hi moordomo... perguntado. se esta onrra foy feita por el Rey disse q nõ q o el soubesse, perguntado. de q têpo disse q o nõ sabia saluo q o uiu assy hussar bem des quarenta anos»... (Advertirei que o x deste *quarenta* não está aspado, porem, pelo *a* que tem em cima, e pelo sentido, se vê que o devia ter sido). Livro 4.° *d'Inquirições de D. Diniz* fl. 5. Na *Gaveta* 8. *maço* 8, *numero* 7 e no *Livro d'inquirições da Beira e alem Douro* a fl. 13 v. se diz o mesmo.

(4) «Item na aldeya que chamam amoo e em barreiros e em azevedo e em penella e no logar que chamam quintaa e hum casal de carualho e em hun casal em fermill. Em todos estes logares he provado que soya entrar o moordomo e peitauam lhy ende vovz e cooma. ssaluo em huu casal de azinido de dona beringueira. E des tempo del Rey dõ afonsso padre deste Rey tolheu ende a abadessa dourouca o moordomo e ffez ende hõrra e nom entra hy porteiro nem moordomo e trage hy seu chegador. Todos estes logarees de ssuso ditos seiam deuassos e entre hy o moordomo del Rey por todollos seus direitos. ssaluo o casaal de dona beringueira em quanto ffor de filhos dalgos.» Inquirição na freguesia de S. Maria de Real do julgado de Panho, á fl. 22 do livro *d'Inquirições da Beira e Alemdouro.*

(5) «Item no julgado de veera *(Vieira)* achamos em esse registo *(inquirições d'Affonso II da era de 1259)* na fryguesia de sa Johanne do Moisteiro de Veera do logar que chamam Azevedo dam a El Rey tres quarteiroes de castanhas secas, e dizem que ora nõ dam saluo sex talgas.» Livro 2.° de *Direitos reaes* fl. 203 v. instrumento sem data, cujos artigos foram tirados da citada inquirição da era de 1259 (1221), como o assevera João Pedro Ribeiro na nota 2 a pag. 103 das *Memorias de inquirições*.

«Martinus michaelis prelatus de Rial inratus dixit. quod de uilla de Carualo et de quintana et de penela et de Azinido et de Mola et di barreyros q aut de Monasterio de arouca nullum forum faciut Regi... interrogat. per quod sunt iste uille sic exepto. dixerunt quod per donam famaldã (sic) Regina.»—Inquirições de 1258 a fl. 99, col. 2.° do livr. 3.° de *Inquiriçõee de D. Affonso III.*

«Conhos-cam todos os que este strometo vire q en presença de nn Stenã pirez labelhom no termho da terra de sta Maria e das testemuyhas en fumdo scritas perguntou Steuam lourenço cleripo del Rey. Pedro stenees Juiz de ffeyra q el dissesse uerdade polo inrameto q fezora se ounia homees das aldeyas de Zagães e de Carregosa e de Paaços e de vila noua e do Azeuedo de humha con [illegible] la mãteyga q os [illegible] com os prestameiros sohre diziã q non deuiã adar. e q dissesse [illegible] ditos logares uerdade en q stado estaua o preito quando ele ueo da terra, etc.»—*Livro 2.° d'inquirições d'Affonso III*, fl. 47 v.—Não são propriamente inquirições, mas diligencias praticadãs por certo inquiridor no anno de 1284, assim o diz João Pedro Ribeiro nos seus *Additamentos e retoques ás memorias para a historia das inquirições etc.* pag. 14.

(6) *Nobiliario do conde D. Pedro*, tit. 33, § 2.°, pag. 311, diz effectivamente, que Gonçalo Vasques d'Azevedo teve um filho chamado Diogo Gonçalves, mas não acrescenta mais nada. Xisto Tavares no seu nobilitario, a fl. 121 da copia da Bibliotheca Publica, não nomeia o pae de Lopo Dias de Azevedo. O mesmo faz Damião de Goes, a fl. 242 v. da copia do seu nobiliario, que existe na mesma Bibliotheca.

(7) Documentos da capella de D. Briolanja de Castro lançados por ementa no tomo 2.° da *Torre do Tombo* de Manuel Severim de Faria, ms. da Bibliotheca Publica.

(8) Consta da carta de 14 de agosto de 1421 (1383) em que D. Fernando manda ao almoxarifo de Guimarães, restitua a Lopo Dias a posse d'aquella terra. *Chanvellaria de D. Fernando*, liv. 3.° fl. 90.

(9) Carta de 20 de maio de 1422 (1384) a fl. 13 do liv. 1 da *Chancellaria de D. João I.*

(10) Carta de 15 de setembro de 1422 (1384) a fl. 57 v. do liv. 1.° da *Chancelaria de D. João I.* Confirmada esta mesma e as precedentes por carta de 24 de agosto de 1423 (1385) a fl. 83 v. do mesmo livro.

(11) Carta de 14 d'abril de 1423 (1385) na *Chancellaria de João I*, liv. 1.° 113 v.

(12) Carta de 5 de dezembro de 1425 (1387), na *Chancolaria de D. João I*, livro 1.°, fl. 197.

(13) *Chancellaria de D. Fernando*, livro 1.° fl. 178.

A VERDADEIRA NOBREZA

O pae de *Laffite*, o riquissimo banqueiro, o famoso estadista, a alma da revolução de 1830, ministro de Luiz Filippe e fundador da civilisadora instituição das caixas economicas, era um pobre carpinteiro;—o de *Epicuro*, um dos philosophos mais celebres da Grecia, foi um pobre pastor;—o de *Luthero*, um simples mineiro;—o de *Demosthenes*, o principe dos oradores athenienses, um ferreiro;—o de *Tamerlan*, senhor do maior imperio que ha existido, um pastor;—o de *Xisto V.*, um dos mais celebres pontifices, era guardador de porcos;—*Cromwell*, o protector da republica ingleza, descendia de um carvoeiro;—a mãe de *Euripes* era taberneira;—*Viriato*, general lusitano que ganhou batalhas aos romanos quando estavam no apogeu da sua gloria, foi pastor;—*Mafoma*, grande legislador, celebre guerreiro e fundador da religião mahometana, foi arreeiro;—*Socrates*, era filho de um canteiro;—*Virgilio*, o principe dos poetas latinos, foi filho de um estalajadeiro;—*Shakspéare*, o grande auctor dramatico, descendia de carniceiro;—*Christovão Colombo*, descendia de um cardador de lãs;—*Cook*, o celebre navegante e descobridor, foi creado de servir;—*Esopo*, foi escravo na sua juventude;—*Alberoni*, politico profundo, ministro hespanhol e principe da egreja, era filho de um jardineiro;—*Molière*, o rei dos poetas comicos, foi alfaiate;—*Linneo*, o famoso naturalista, descendia de um cura de aldeia, e passou a infancia no officio de sapateiro;—*Franklin*, o immortal physico, politico e naturalista, era filho de um saboeiro e foi typographo;—*Catharina*, a famosa imperatriz da Russia, foi na sua juventude vivandeira.

15 FOLHETIM

WALTER SCOTT

IVANHOÉ

OU

O REGRESSO DO CRUZADO

A' vista d'estas considerações, o judeu persistiu, e acotevelou o christão normando sem respeito á sua origem, ordem e religião. As queixas do velho gentilhomem excitaram a indignação dos seus vizinhos. Entre estes um yeoman robusto e bem vestido de panno verde de Lincoln, trazendo doze frechas á cintura, um boldrié guarnecido com uma chapa de prata, e tendo na mão um arco de seis pés d'altura, voltou-se immediatamente para o judeu, com as faces abrazadas em colera. Lembra-te, lhe disse, que todas as riquezas que accumulaste chupando o sangue de tuas desgraçadas victimas, encheram-te como uma aranha de que não fazemos caso em quanto se occulta em algum lugar escuro, mas que em apparecendo esmagâmos sem piedade. Com esta ameaça pronunciada com um ar firme e determinado, em anglo-saxonio, entrou o judeu a ter medo, e ter-se-hia por certo affastado de tão perigoso visinho, se a attenção geral se não tivéra dirigido n'este momento sobre o principe João, que entrava na arena com uma escolta numerosa composta de cavalleiros, de senhores da sua côrte, e d'alguns ecclesiasticos vestidos com tanto gosto como os cortesãos. Distinguia-se entre elles o prior de Jorvaulx, tão elegantemente vestido como o permittia a ordem a que pertencia; o ouro, as mais ricas pelliças brilhavam nelle, e as pontas das suas bottas, excedendo a moda ridicula adoptada n'esta época, sabiam tanto acima, que lhe era impossivel pôr os pés aos estribos. Isto não era um inconveniente para o galan prior, que talvez mesmo não estava descontente de achar occasião de dar diante d'uma brilhante assembléa, e principalmente diante das senhoras que faziam parte della, uma prova de sua destreza na arte de equitação. O resto do sequito do principe João compunha-se dos principaes chefes das suas tropas mercenarias, de muitos barões ladrões e dados a devassidão, que eram a sua companhia ordinaria, e d'alguns cavalleiros templarios e hospitaleiros.

E' digno de notar-se que os individuos destas duas ordens militares, eram, segundo a opinião publica, desaffectos a Ricardo, tendo-se feito do partido de Filippe de França nas desavenças que entre estes dous monarchas na Palestina haviam lavrado. E' notorio que foi em consequencia desta discordia que as victorias reiteradas de Ricardo foram infructuosas, e que se saiu mal das tentativas para se assenhorear de Jerusalem; sendo que de toda a gloria de que se tinha coberto só resoltou uma tregoa duvidosa com o sultão Saladino. Conduzindo-se debaixo dos mesmos principios politicos, que tinham dictado a conducta dos seus collegas na Terra Santa, os templarios e os hospitaleiros da Inglaterra e da Normandia tinha-se bandeado com a facção do principe João, que não tinha motivos para desejar a volta de Ricardo, ou a elevação d'Arthur, seu legitimo herdeiro. Pela mesma razão, o principe João detestava e desprezava o pequeno numero de familias saxonias distinctas que ainda subsistiam em Inglaterra, e não perdia occasião alguma para os insultar e humilhar sabendo bem que não gostavam delle, e que jámais favoreceriam as suas pretenções. Outro tanto acontecia aos homens das aldeias, que temiam que um soberano como o principe João, com uma vocação decidida para a licença e tyrannia, não usurpasse ainda mais os seus direitos e privilegios.

Seguido por este brilhante cortejo, vestido de seda cramesi; bordada d'ouro, trazendo um falcão no punho, a cabeça coberta com um rico barrete de pelles ornado com um diadéma de pedras preciosas, donde caiam longos cabellos annellados, que lhe fluctuavam sobre os hombros, o principe João vinha campeando em seu soberbo ginete dando voltas em redor da liça, á testa de seu alegre cortejo, rindo em alta voz, e examinando com todo o atrevimento d'um rei as bellezas que ornavam as galerias superiores.

Aquelles mesmos, que notavam no ar d'este principe uma audacia dissoluta, e no mesmo tempo uma excessiva altivez e uma completa indifferença ácerca de opinião de seus contemporaneos, não podiam negar-lhe certa belleza, que resultava d'uma fisionomia franca. Suas feições, naturalmente regulares, tomavam á força d'artificio uma expressão de polidez, mas deixavam transpirar igualmente o constrangimento, e os vicios baixos de que era dominado. Esta apparencia enganadora passa muitas vezes por franqueza viril, sendo que no fundo não annuncia senão a indifference d'um descarado que conta sobre a superioridade que lhe dá o seu nascimento, a sua fortuna e todas as suas vantagens exteriores, sem lhe importar accrescentar a isto algum outro genero de merecimento. Quanto aos que não examinavam as cousas tanto por miudo, e o numero é ordinariamente de cem contra um, a rica pelliça que servia de forro á capa com que o principe João estava adornado, as suas botas de marroquim, as suas espóras d'ouro, a graça com que montava a cavallo bastavam para provocar extases d'admiração, que se manifestava por estrondosos vivas.

Desde a sua entrada no circo, o principe tinha notado a alteração a que tinha dado lugar a pretenção ambiciosa d'Isaac. Seu olho escrutador reconheceu immediatamente o judeu, mas fixou-se com muito maior prazer na linda filha de Sião, que atemorizada com o tumulto se encostava contra seu pai, e estava quasi suspensa em seu braço.

Mesmo aos olhos d'um conhecedor, tão habil como o principe João, Rebecca podia disputar a palma ás mais soberbas beldades da Inglaterra.

Dotada das mais bellas proporções; o vestido oriental, que trazia segundo o uso de sua nação, dava novo realce á sua belleza. Tinha na cabeça um torbante seda amarella, côr que quadrava singularmente com a de sua tez que era algum tanto morena; seus olhos eram vivos e brilhantes, as sobrancelhas perfeitamente arqueadas, o nariz aquilineo e em bôa maneira, os dentes alvos como o marfim e bem apostos. As negras madeixas se debruçavam em anneis sobre os hombros, e sobre os seios, que competiam em alvura com a neve, segundo o que deixava a descoberto a tunica da mais preciosa seda, que trajava. Tudo, n'uma palavra, mostrava n'ella uma reunião d'attractivos que em nada cediam aos das mais bellas senhoras assentadas á roda d'ella. E' verdade que o grande calor tinha favorecido o olhar avido dos amadores da belleza, obrigando Rebecca a deixar abertos os trez primeiros colchetes da sua tunica, que eram d'ouro e enriquecidos com perolas. Apercebiam-se d'esta maneira melhor um collar, e brincos de diamantes d'um preço consideravel Uma pluma d'abestruz lhe fluctuava no turbante, presa por uma presilha de brilhantes. As bellas orgulhosas que se achavam na galeria superior. lançavam vituperios contra a amavel judia, sem que todavia deixassem occultamente de invejar-lhe os encantos e o toucado.

Pela cabeça calva d'Abrahão! disse o principe João, esta judia deve ser o retrato vivo da belleza, que tornou louco o mais sabio dos reis... Que dizeis vós prior Aymer ... Pelo templo, que o meu prudente irmão Ricardo não póde conquistar, juro que é a espôsa dos cantares.

— A rosa de Saron, o lyro dos valles, respondeu o prior com um tom chocarreiro; mas vossa graça deve pensar que sempre é uma judia.

— Sim, respondeu o principe, e eis o meu Mammon d'iniquidade, o marquez dos marcos, o barão dos dezantes, que disputa um lugar com uns pobres miseraveis que nem um real teem nas algibeiras. Pelo corpo de S. Marcos! o meu principe dos subsidios e a sua amavel judia terão logar na galeria... Quem é esta beldade, Isaac? lhe perguntou elle aproximando-se do judeu. E' tua filha, tua mulher? ou é uma huri oriental aquem dás o braço?

— E' minha filha Rebecca, principe, redarguiu o judeu sem o menor embaraço, e sem parecer interdicto com um discurso em que entrava mais ironia que polidez.

— Andaste muito bem em a trazeres comtigo, disse o principe dando uma gargalhada; e outro tante fizeram os cortezãos arremedeando-o; mas filha ou mulher é preciso que tenha um logar digno de sua belleza. Quem está ahi em cima? disse elle alevantando os olhos para a galeria superior: pelo modo com que se estendem perguiçosos, são alguns rusticos saxonios. Oh lá! apertem-se, e dêem logar ao principe dos usurarios, e á sua amavel filha. E' preciso que estes vilões aprendam a ceder os primeiros logares da synanoga áquelles aquem de direito pertencem.

Os que occupavam a galeria, e a quem se dirigiam estas palavras injuriosas, eram Cedric o saxonio com a sua familia, e o seu amigo, seu aliado, e visinho, Athelstane de Coningsbutgh, personagem que, descendento do ultimo dos reis saxonios da Inglaterra, era olhado com o mais profundo respeito por todos os saxonios do norte d'este reino. Com o sangue d'esta antiga raça real Athelstane havia herdado muitos dos seus defeitos. Tinha uma fisionomia agradavel, era vigoroso, e estava na flôr da idade; mas suas feições eram inanimadas, seus olhos sem expressão, o seu andar lento e pesado, e era tão moroso para tomar a menor deliberação que lhe tinham dado o apellido d'um dos seus antepassados, e que se chamava Athelstane o indolente. Os seus amigos, e tinha muitos, como Cedric, eram-lhe inteiramente dedicados, e sustentavam que esta perguiça natural não procedia nem de fraqueza de espirito, nem de falta de coragem, mas que era o resultado d'um caracter indeciso. Outros pretendiam que o vicio hereditario da bebedice lhe tinha absorvido todas as faculdades, que aliás nunca foram muito vivas, e que o animo passivo, assim como a lhaneza que lhe restavam, não eram mais do que as qualidades menos estimaveis d'um caracter naturalmente generoso, de que se poderia ter aproveitado, se se não tivese degradado em uma longa serie de deboches.

A este homem respeitado de todos os saxonios é que o principe, com um tom imperioso, ordenava que desse logar a Isaac e a Rebecca. Athelstane, confundido pela ordem que os costumes e as opiniões d'este tempo tornavam soberanamente injuriosa, não curava de obedecer; e não sabendo de que fórma resistir, só oppoz uma *força d'enercia* á vontade do principe, e sem fazer um só movimento abriu os grandas olhos pardos e encarou o principe com um ar d'admiração, que tinha seu tanto ou quanto de risivel; mas o impetuoso João não o julgou assim.

— Este porqueiro saxonio dorme, ou faz que não me ouve; empurra-o com a lança, Bracy, disse elle a um cavalleiro que estava ao pé, e que era chefe d'uma companhia franca, especie de tropa de *conduttieri*, isto é de mercenarios, que tomavam o serviço do primeiro principe; mas Bracy, que, por profissão, era superior a todos os escrupulos, levantou a lança, dirigiu-a para a galeria, e teria executado a ordem de João, antes que Athelstane o indolente tivesse pensado em recuar para evitar o bote, se Cedric, tão prompto em obrar como o seu amigo era lento, não tivera desembainhado, com a promptidão do raio, a espada, e não cortára em duas metades a haste da lança, rente com o ferro que caiu no chão.

O principe córou. Praguejou d'um modo horrivel, e teria dado novas ordens ainda mais rigorosas que as primeiras, se não tivesse cedido aos rogos das pessoas do seu sequito, que lhe supplicaram houvesse de moderar-se, e pela acclamação geral do povo que applaudia á acção generosa de Cedric.

(Continua.)

CORREIO DE LISBOA

1 DE MAIO DE 1888.

A prorogação dos trabalhos parlamentares foi apenas até ao dia 20 do corrente. Em 18 dias não ha tempo decerto para fazer passar todas as medidas de que o governo precisa para governar—visto que a opposição se serve de todos os meios para impedir. A tal representação das minorias dá este resultado. Se não vigorasse a tão peregrina ideia a governação não encontraria os estorvos que tem encontrado e que ha-de continuar a encontrar se a tempo não vier o remedio.

— Os fundos publicos portuguezes ficaram hontem no mercado de Londres a 60 1/4 por cento. Isto diz quanto é possivel dizer-se do credito publico levado a este ponto pela bôa gerencia da situação progressista.

— N'estes ultimos mezes as obras do quartel do 10 tem recebido uma dotação maior, pois que tem sido de um conto de reis, quando antes era apenas de 500$000. Com esta dotação e em vista das ordens que teem sido expedidas pelo ministerio da guerra, a obra deve estar muito adiantada, e preciso é que assim seja, por isso que o regimento não póde estar mais tempo no antigo quartel. E' o que officialmente se diz para aqui. O edificio, além de velho, é humido a ponto de deteriorar muito os equipamentos. Convém pois que o regimento passe sem demora para o seu novo aquartelamento, e para que isso se realize devem empenhar-se todos. Dinheiro não falta á obra, e ordens terminantes para que a sua conclusão se abrevie tambem não faltam, porque são expedidas d'aqui successivamente.

— Eram 10 horas da manhã de domingo quando na estação central dos incendios se recebeu participação telephonica de haver fogo no paço da Ajuda. Foi logo mandado pôr todo o pessoal e material de prevenção e participou-se ao arsenal onde logo se preparou a bomba a vapor e um rebocador e se deu ordem para estar tudo a postos no quartel de marinheiros. Felizmente porém, o alarme foi maior do que o facto. O fogo foi insignificante. Pegou na fuligem da chaminé do fogão de uma das salas dos aposentos de Sua Magestade a Rainha, sendo logo apagado pelos creados da casa real e pela bomba 39 (de Belem) e respectivo peseoal, que accudiu com toda a rapidez. Os estragos foram insignificantes, mas o cuidado geral foi muito.

— Partiu para o Algarve o representante da casa commercial de Marselha, E. Deblois & C.ª, a fim de comprar grande parte dos vinhos da Fuzeta e outros pontos da provincia.

— A pesca do bacalhau por navios portuguezes vae-se desenvolvendo. Para o mar da Terra Nova já partio o patacho *Social*, e preparam-se para partir os lugres *Argos*, *Navegador*, *Gamo*, e *Neptuno* e a escuna *Hortense*.

— Tres accionistas do Banco de Portugal apresentaram no Tribunal do Commercio um protesto contra a resolução da direcção do mesmo Banco com respeito á emissão, supplicando que este processo fosse judicialmente notificado ao governador do Banco. Outro grupo de accionistas, representados pelo sr. José Anastacio de Carvalho, entregou ao sr. presidente do conselho uma representação ácerca do assumpto.

— Reuniu hontem a commissão superior de guerra, presidindo o general sr. Abreu e Souza. Deliberou-se que a commissão fique dividida em duas secções: a primeira presidida pelo general sr. José Frederico, para tratar da defeza do reino; a outra pelo general sr. Abreu Vianna, para tratar das linhas ferreas e telegraphos sob o ponto de vista militar.

— Foram nomeados para ficarem ao serviço do rei Oscar, que deve chegar brevemente: como camarista, o sr. conde de Ficalho; como ajudante, o sr. Francisco de Almeida; e como official ás ordens, o sr. Fernando de Serpa. O real visitante apenas se demorará cinco dias em Lisboa. Estão já promptos os aposentos no paço da Ajuda para elle e para a sua comitiva.

— A princeza D. Amelia com o principe da Beira foi hontem retratar-se á photographia Fillon.

— Ficou ante-hontem constituido o centro agricola da Gollegã, presidindo á reunião dos lavradores o sr. José Relvas, filho abastado lavrador sr. Carlos Relvas. Fallaram diversos individuos ácerca das necessidades agricolas, ficando afinal constituido o Centro Agricola Golleganense, sendo eleitos presidente o sr. José Relvas, e secretarios os srs. Campos Navarro e Tavares Veiga. Estiveram presentes mais de trinta lavradores.

— Foram designados: os dias 14 e 15 de maio para as provas do concurso de escrivães; os dias 16 e 17 para as dos tabelliães; o dia 18 para as dos contadores; e o dia 19 para as dos escrivães e contadores da Relação.

— Chegou de Macau o tenente da armada sr. Antonio Ferreira Pinto. Tambem chegou da mesma cidade o sr. tenente Raphael Jacome de Andrade.

— Houve um descarrillamento na linha do sueste proximo de Extremoz, sahindo o comboyo para fóra da linha alguns metros e ficando enterrado na areia. O susto foi grande; no emtanto, só um passageiro inglez ficou ligeiramente ferido no rosto. Tomaram-se logo providencias; o comboyo chegou a Lisboa muito atrasado, sendo feita a distribuição da correspondencia fóra de horas.

— Por portaria do sr. ministro das obras publicas, datada de 23 do corrente, foi approvada a planta cadastral do lanço dos caminhos de ferro do Minho e Douro, comprehendido entre a estação do Pinheiro e a estação central das mesmas linhas ferreas nas proximidades da praça de D. Pedro, no Porto.

— Informa *O Dia* que a inspecção geral das bibliothecas e dos archivos publicos fez ultimamente acquisição para a bibliotheca de Lisboa, d'uma valiosa colleção de manuscriptos, que pertenceram á casa de Vimioso, e que foram postos á venda n'uma livraria de Lisboa.

Quasi todos esses manuscriptos pertenceram a Manuel Severim de Faria, o crudito chantre d'Evora, e alguns são interessantissimos. Incluem-se n'elles muitas cartas originaes de padres da Companhia de Jesus escriptas da Ethiopia, China, Japão e India; documentos e rascunhos de documentos relativos á administração das colonias portuguezas no tempo de D. João IV; geneologias, obras litterarias; e um curioso volume, escripto no seculo XVI, em que um alguem coordenou noticias de acontecimentos importantes de Portugal e dos outros paizes da Europa.

A Inspecção tambem comprou cêrca de 180 volumes no leilão da livraria da casa Pombal, e é natural que o governo negocie a acquisição dos manuscriptos existentes n'essa mesma casa, que formam mais de 700 volumes, nos quaes se incluem muitos documentos indispensaveis para a historia da administração do grande ministro de D. José I.

— S. M. a rainha não póde assistir ao beneficio do actor Firmino. Mandou-lhe entregar trinta libras pelo seu camarote particular.

— Na sexta-feira ha reunião no ministerio das obras publicas dos viticultores do sul.

— S. M. el-rei o sr. D. Luiz foi hoje muito cumprimentado, por ser o dia do santo do seu nome.

—Entrou hoje a barra, procedente dos portos do Brazil, o paquete *Congo*, conduzindo 202 passageiros. O vapor seguiu depois para Bordeus.

— Esta noite ha conselho de ministros.

— Casou hontem o sr. Alfredo Cunha, escrivão de fazenda de Oeiras, com a viuva do capitalista Lima Godinho, de Mattosinhos. Foram padrinhos os srs. ministros da fazenda e o seu secretario particular.

— A bordo do vapor *Luzitania*, da carreira de Belem, uma mulher due á luz uma creança.

Y.

TELEGRAMMAS

Poris, 25.—Uma carta firmada pelos srs. Laissant e Michelin, deputados do Sena, boulangistas, impelle os outros deputados do Sena, boulangistas, a darem juntos a sua demissão, a fim do povo de Paris vir agruparse entre elles. Os srs. Laissant e Michelin affirmam que são francamente republicanos, e que estão resolvidos a combater toda a velleidade de cezarismo, mas que consideram o parlamentarismo actual como uma vergonhosa parodia da republica, e que querem uma verdadeira republica.

Berlim, 26.—O boletim medico, datado das 9 horas da manhã, diz que o imperador dormiu bem de noute, que a febre é muito ponco intensa, e que o estado geral começa a melhorar.

Pariz, 28.—A camara dos deputados suspendeu as suas sessões até ao dia 15 de maio.

Paris, 29.—O *Temps* annuncia ter-se realisado esta manhã um duello no bosque de Boulogne entre os srs. Dupuis e Herbert, criticos da arte, no qual foi morto o senhor Dupuis.

Pariz, 29.—Na eleição legislativa pelo departamento da Alta Saboya, realisada hoje, o sr. Brunier, republicano, foi eleito deputado por 22:000 votos, contra o sr. Machard, radical, que obteve 13:000.

Pariz, 30.—O presidente da republica, sr. Carnot, e os ministros srs. Lockroy e Delours Montaud, retiraram hoje de Bordeus ás 9 horas e 30 minutos da manhã, e chegarão a Rochefort á 1 hora e 15 minutos da tarde; a população de Bordeus fez-lhes á sahida uma manifestação muito sympathica.

Ficou empatada a eleição do deputado pelo departamento de Isére. onde, de 164 mil pessoas recenseadas, só concorreram á urna 77:000,

Berlim, 29.—O boletim medico, datado de hoje as 9 horas da manhã, diz que o imperador Frederico III não foi de manhã accommettido de febre e passou uma noute socegada, sendo o seu estado geral bastante satisfactorio.

Bruxellas, 28.—O *Nord* faz sinceros votos pelo mallogro do movimento boulangista, considerando-o como contrario ás ideias russas no respeitante a ordem e legalidade.

Veneza, 29.—SS. MM. o imperador e a imperatriz do Brazil partiram hoje para Milão.

Lowatz, 29,—O principe Coburgo chegou a Lowatz, cercado de vivas acclamações.

Bordeus, 28.—O sr. Carnot, respondendo no banquete do Grand-Theatre ao brinde do presidente do conselho municipal, disse que as manifestações pacificas que o têem saudado desde a sua sahida de Pariz, protestam contra tudo o que poderia servir os interesses ou animar as esperanças dos inimigos da republica.

Roma, 28.—O Papa percorreu esta tarde a sala Clementina, onde se achavam reunidos os peregrinos portuguezes, e ali muito mais a vontade do que estiveram na audiencia do dia 26, na qual muitos não poderam aproximar-se do throno por causa do seu maior numero. O Papa percorreu todos os grupos, dando a mão a beijar e lançando a benção.

Roma, 30.—O texto do Livro verde produzin uma impressão desagradavel, pelo motivo de que o negus em logar de pedir a paz, rejeitou desdenhosamente a proposta da Italia.

ANNUNCIOS E PUBLICAÇÕES LITTERARIAS

GRANDE BAIXA DE PREÇOS

A COMPANHIA FABRIL SINGER

Acaba de fazer uma grande baixa de preços nas suas tão populares e acreditadas

MACHINAS PARA COSER

DEVIDO AO GRANDE AUGMENTO DE FABRICAÇÃO QUE TEM TIDO

Além das 5 fabricas que já possuia, estabeleceu ultimamente uma grande fabrica em Kilbowie e que todas reunidas fabricam para cima de

TRINTA MIL MACHINAS SEMANAES

Peçam o novo catalogo que se ha publicado

CUIDADO COM AS IMITAÇÕES

75-Rua de José Estevão-79

AVEIRO

A PRESTAÇÕES

DE

500 RÉIS SEMANAES

A DINHEIRO COM GRANDE DESCONTO

Chamamos a attenção para a nossa machina de

LANÇADEIRA OSCILLANTE

A melhor que tem apparecido até hoje.
Não tem rival.
E' a rainha das machinas.
As machinas SINGER são as que tem obtido os primeiros premios em todas as exposições.

GARANTIA SOLIDA E POSITIVA

COMPANHIA FABRIL SINGER

75-Rua de José Estevão-79

AVEIRO

GRANDE NOVIDADE

GRAVATAS DE BORRACHA

LAVAM-SE como os collarinhos ficando logo promptos a uzarem-se. Preço 240 reis. Para as provincias enviam-se aquem remetter 300 reis em estampilhas ou vales.

142 — Rua Augusta — 148

Lisboa

Oliveira & C.ª—4.º quarteirão—Por baixo do Hotel Duas Nações.

ARREMATAÇÃO

NO dia 20 de maio corrente, pelas 10 horas da manhã e no Adro da Egreja de S. Pedro, das Aradas, ha-de arrematar-se a pintura e douradura d'um altar.

As condições estarão patentes no acto da arrematação.

Aradas, 1 de maio de 1888.

O Presidente da Junta—*Anacleto Mendes Leal.*

INJECTION BROU

Hyc... infallivel e preservativa, a unica que cura, sem nada juntar-lhe, os corrimentos antigos ou recentes.

Encontra-se nas principaes Pharmacias do Universo, em Paris, em casa de J. FERRÉ, Pharmaceutico, Rua Richelieu, 102, Successor de M. BROU.

ROB BOYVEAU LAFFECTEUR

Cura todas as Molestias resultantes dos Vicios do sangue: *Escrofulas, Eczema, Psoriase, Herpes, Lichen, Impetigo, Gôta* e *Rheumatismo.*

ROB BOYVEAU-LAFFECTEUR

AL IODURETO DE POTASSIO

Cura os accidentes syphiliticos antigos ou rebeldes: *Ulceras, Tumores, Gômmas, Exostose,* assim como *Lymphatismo, Escrofulas* e *Tuberculose.*

Em Paris, Casa J. FERRÉ, Phcien, 102, rue Richelieu, successor de BOYVEAU-LAFFECTEUR, e em todas as Phcies.

200,000 Doentes curados de DEFLUXOS, TOSSE INSOMNIA, CRISES NERVOSAS PELO XAROPE do Dr FORGET Em todas as Pharmacias do Universo. Exija-se o endereço ao lado

36 Rue Vivienne CHABLE PARIS

300,000 Doentes curados de GONORRHÉA, FLORES brancas, PERDAS SEMINAES, DEBILIDADE, ESGOTAMENTO, etc., etc. PELO CITRATO DE FERRO CHABLE Em todas as boas Pharmacias Exija-se o endereço ao lado.

EMPREZA INDUSTRIAL PORTUGUEZA

NUMERO TELEPHONICO 168

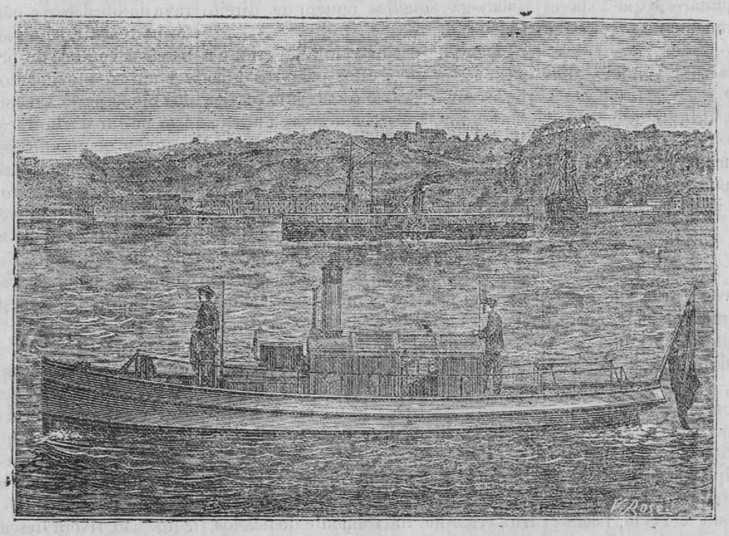
CONSTRUCÇÕES NAVAES COMPLETAS

CONSTRUCÇÃO E ASSENTAMENTO DE PONTES METALLICAS PARA ESTRADAS E CAMINHOS DE FERRO

CONSTRUÇÃO DE CANNOS, COLUMNAS E VIGAS, POR PREÇOS LIMITADISSIMOS

CONSTRUCÇÃO DE COFRES Á PROVADEFOGO

CONSTRUCÇÃO DE CALDEIRAS



LANCHA de ferro a vapor, construida em 1883 nas officinas da Empreza Industrial Portugueza para serviço de reboques no Pará.

A EMPREZA INDUSTRIAL PORTUGUEZA, actual proprietaria da officina de construcções metalicas em Santo Amaro, encarrega-se da fabricação, fundição, construcção e collocação, tanto em Lisboa e seus arredores, como nas provincias, ultramar, ilhas ou no estrangeiro, de quaesquer obras de ferro ou madeira, para construcções civis, mechanicas ou maritimas.

Acceita portanto encommendas para o fornecimento de trabalhos em que predominem estes materiaes, taes como, *telhados, viramentos, cupulas, escadas, varandas, machinas a vapor e suas caldeiras, depositos para agua, bombas, veios, rodas para transmissão, barcos movidos a vapor completos, estufas de ferro e vidro, construcção de cofres á prova de fogo, etc.*

Para a fundição de columnas e vigas tem estabelecido preços dos mais resumidos, tendo sempre em depositos grandes quantidades de cannos de todas as dimensões.

Para facilicitar a entrega das pequenas encommendas de fundição tem a Empreza um deposito na rua de Vasco da Gama, 19 e 21, ao Aterro, onde se encontram amostras e padrões de grandes ornatos, e em geral o necessario para as construcções civis, e ondese tomam quaesquer encommendas de fundição.

Toda a correspondencia deve ser dirigida á Empreza Industrial Portugueza, Santo Amaro—LISBOA.

CARNE, FERRO e QUINA

O mais fortificante dos Alimentos alliado aos Tonicos mais reparadores.

VINHO FERRUGINOSO AROUD

EXTRAHIDO DE TODOS OS PRINCIPIOS SOLUVEIS DA CARNE

CARNE, FERRO e QUINA! Dez annos de exito constante e as affirmações das mais altas sumidades da sciencia medica, provam que a associação da *Carne*, do *Ferro* e da *Quina*, constitue o mais energico reparador até hoje conhecido para curar: a *Chlorose*, a *Anemia*, a *Menstruação dolorosa*, a *Pobreza* e a *Alteração do sangue*, o *Rachitismo*, as *Affecções escrofulosas* e *escrofuliticas*, etc. O **Vinho Ferruginoso Aroud** é, com effeito, o unico que reune tudo que tonifica e fortifica os orgãos, regularisa e augmenta consideravelmente as forças ou restitue o *Vigor* e puresa do sangue empobrecido, a *Côr* e a *Energia vital.*

Venda por grosso, em Paris, na Pharm^e de J. FERRÉ, 102, r. Richelieu, Successor de AROUD

ESTA IGUALMENTE A VENDA EM TODAS AS PRINCIPAES PHARMACIAS DO ESTRANGEIRO.

EXIGIR o nome e a assignatura AROUD

VERITABLES GRAINS de Santé du docteur FRANCK

VERDADEIROS GRÃOS DE SAUDE DO Dr FRANCK

Aperientes, Estomachicos, Purgativos, Depurativos

Contra a Falta de appetite. Prisão de ventre, Enxaqueca, Vertigems, Congestões, etc.—*Dose ordinaria: 1, 2 á 3 grãos.*

Exigir as CAIXINHAS AZUES com o nome em 4 COLORES e o Sello da União dos Fabricantes

Em PARIZ, Pharmacia LEROY. — Depositos em todas as principaes Phcies.

200,000 Doentes curados de DARTROS, CRAVOS VIRUS, ULCERAS PELO DEPURATIVO CHABLE. Em todas as Pharmacias do Universo. Onde se encontra gratis a Noticia Chable.

36 Rue Vivienne CHABLE PARIS

300,000 Doentes curados de GONORRHÉA, FLORES brancas, PERDAS SEMINAES, ESGOTAMENTO, etc., etc. PELO CITRATO DE FERRO CHABLE Em todas as boas Pharmacias Exija-se o adresse ao lado.

ASPHALTO

MANUEL FERREIRA DA SILVA

Rua Nova de S. Domingos 97

PORTO

TEM grande deposito d'este genero, já preparado ou por preparar e tambem o manda applicar nas obras, nas provincias, por ter os melhores applicadores d'este genero. Trata-se no Porto, ou em Aveiro com o sr. José Monteiro Telles dos Santos.

Largo da Cadeia

MOLESTIAS SECRETAS

CAPSULAS RAQUIN

Unicas capsulas de gluten com copahiba, approvadas pela Academia de Medicina de Pariz.

Como não se abrem no estomago, toleram-se sempre bem e não causam eructação. Empregadas tal como a *injecção de Raquin* curam em muito pouco tempo as gonorrheas mais intensas.

A Academia obteve 100 curas sobre 100 doentes, tratados por estas capsulas.

EXISTEM MUITAS IMITAÇÕES

Para evital-as, não se devem acceitar senão os fracos que levam sobre o involucro exterior a *assignatura de Raquin* e o sello official (em azul) do *governo francez.*

DEPOSITOS: FUMOUZE-ALBESPEYRES, 78, *Faubourg Saint-Denis*, PARIZ, e em todas as boas pharmacias do estrangeiro, onde se acham as mesmas capsulas de copahibato de soda, de copahiba e cubeba, de cubeba, alcatrão, ou terebinthina, e a **INJECÇÃO RAQUIN**, complemento de todo tratamento

As pessoas que conhecem as PILULAS DO DOUTOR **DEHAUT** DE PARIS não hesitam em purgar-se quando precisão. Não receiam fastio nem fadiga, porque ao contrario dos outros purgativos, este só obra bem quando é tomado com bons alimentos e bebidas fortificantes, como Vinho, Café, Chá. Quem se purga com estas pilulas póde escolher para tomal-as, a hora e refeição que mais che convier conforme suas occupações. A fadiga do purgativo sendo annullada pelo effeito da bra alimentação, si se decide facilmente a recomeçar tantas vezes quanto for necessario. 5 tr. e 2 tr. 50

GARGANTA

VOZ e BOCCA

PASTILHAS DE DETHAN

Recommendadas contra as Doenças da Garganta, Extincções da Voz, Inflammações da Bocca, Effeitos perniciosos do Mercurio, Irritação causada pelo fumo, e particularmente aos Srs. PREGADORES, PROFESSORES, e CANTORES para lhes facilitar a emissão da voz.

PREÇO: 600 REIS.

Exigir em o rotulo a firma Adh. DETHAN, *Rue* ... *PARIS.*

CONTRA A TOSSE

Auctorisada pela Inspectoria Geral da Corte do Rio de Janeiro

XAROPE PEITORAL JAMES, unico legalmente auctorisado pelo Conselho de saude Publica, ensaiado e approvado nos hospitaes. Acha-se á venda em todas as pharmacias de Portugal e do estrangeiro. Deposito geral na Pharmacia Franco & Filhos, em Belem. Os frascos devem conter o retrato e firma do auctor, e o nome em pequenos circulos amarellos, marca que está depositada em conformidade da lei de 4 de junho de 1883.

Deposito em Aveiro—Pharmachia e Drogaria Medicinal de Ribeiro Junior.

VINHO NUTRITIVO DE CARNE

Privilegiado, auctorisado pelo governo pela Inspectoria Geral da Corte do Rio de Janeiro e approvado pela junta consultiva de saude publica

E' o melhor tonico nutritivo que se conhece; é muito digestivo, fortificante e reconstituinte. Sob a sua influencia desenvolve-se rapidamente o apetite, enriquece-se o sangue, fortalecem-se os musculos, e voltam as forças.

Emprega-se com o mais feliz exito, nos estomagos ainda os mais debeis, para combater as digestões tardias e laboriosae, a dispepsia, cardialgia, gastro-dynia, gastralgia, anemia ou inacção dos orgãos, rachitismo, consumpção de carnes, affecções escrophulosas, e em geral na convalescença de todas as doenças, aonde é preciso levantar as forças.

Toma-se tres vezes ao dia, no acto da comida, ou em caldo, quando o doente não se possa alimentar.

Para as creanças ou pessoas muito debeis uma colher das de sopa de cada vez; e para os adultos, duas a tres colheres tambem de cada vez.

Um calix d'este vilho representa um bom bife.

Esta dóse com quaesquer bolachinhas é um excellente *lunche* para as pessoas fracas ou convalescentes; prepara o estomago para acceitar bem a alimentação do jantar, e concluindo elle, toma-se igual porção de *toast*, para facilitar completamente a digestão.

Para avitar a contrafacção, os envolucros das garrafas devem conter o retrato do autor e o nome em pequenos circulos amarellos, marca que está depositada em conformidade da lei de 4 de junho de 1883.

Acha-se á venda nas principaes pharmacias de Portugal e do estrangeiro. Deposito geral na Pharmacia Franco & Filhos, em Belem.

Deposito em Aveiro—Pharmacia e Drogaria Medicinal de Ribeiro Junior.

ESPECTACULOS

THEATRO AVEIRENSE

QUINTA-FEIRA 3 DE MAIO DE 1888

Recita d'amadores em beneficio dos actores do Theatro Baquet do Porto.

O drama em 5 actos e 7 quadros

DE OCTAVE FEUILLET

A vida d'um rapaz pobre

Os bilhetes acham-se á venda na loja do sr. Eduardo Augusto Ferreira Osorio.

Cadeiras..... 600 reis
Superior..... 400 reis
Geral..... 300 reis
Galeria..... 180 reis

Principia ás 8 1/2 da noite.

A ESTACÃO

JORNAL ILLUSTRADO DE MODAS PARA AS FAMILIAS

Preço de assignatura

Um anno.....	4$200
Seis mezes.....	2$100
Numero avulso.....	200

Assigna-se na livraria de E. Chardron—Lugan & Geneliox successores Porto.

COLLECÇÃO DOS ACCORDÃOS DO **SUPREMO TRIBUNAL ADMINISTRATIVO**

Proferidos sobre a materia contenciosa desdes a sua organisação (9 de julho de 1870) até 31 de dezembro de 1883, copiados na integra da Legislação Official e coordenados alphabeticamente

POR

Miguel da Costa Trindade

Amanuense do Governo Civil de Leiria

Estão publicados 3 volumes que conteem: o Decreto de 9 de junho de 1870 pelo qual foi separado o Conselho d'Estado Politico do Conselho d'Estado Administrativo, ficando este a denominar-se Supremo Tribunal Administrativo; o relatorio apresentado pelos ministros e secretarios d'Estado que motivou aquelle Decreto; e todas as resoluções proferidas sobre;—Accordãos—Acções—Actas—Açudes—Aforamentos—Alcances—Alheação—Alfandegas—Alinhamentos—Arrematações—Arvores—Assembleias—Audiencias—Baldios—Boticarios—Brazões—Camaras Capellas—Carnes (fornecimentos)—Celleiros communs—Cemiterios—Companhias—Compascuo—Conflictos—Contas—Contractos—e Contribuição industrial.

A parte que respeita á contribuição industrial é sem duvida uma das mais importantes da collecção por que n'ella se acham ções a que dão logar as leis e regulamentos respectivos, não só sobre o lançamento d'esta contribuição, como sobre a formação de matrizes, classificação das industrias, mudança de umas classes para outras, ommissão de inscripção, organisação e attribuições dos gremios, attribuições das camaras municipaes, juntas dos repartidores, escrivães de fazenda, tribunaes e funccionarios superiores; maneira de interpôr os recursos ordinarios e extraordinarios, informações colhidas, validade de attestados e declarações, provas, prasos, annullações e muitos outros accidentes que se dão n'este ramo de serviço publico e que occasionam a infenidade de reclamações e recursos que constantemente sobem ás instancias superiores, interpostos por contribuintes ou pelos funccionarios que a isso são obrigados por lei.

Não obstante os accordãos se acharem coordenados alphabeticamente de fórma que de prompto se encontram todas as resoluções que tenham sido proferidas em recursos sobre certo e determinado assumpto, ainda cada volume é precedido de um desenvolvido indice alphabetico não só dos negocios de que trata cada uma das resoluções, tambem das doutrinas expendidas nos respectivos considerandos.

Preço dos 3 volumes 2$150 reis, franco de porte.

A' venda: na redacção do *Districto de Leiria*, Leiria; no Porto, Livraria Internacional de Ernesto Chardron; Lisboa, livraria do sr. Joaquim José Bordallo, travessa da Victoria; e em outras das principaes livrarias de Lisboa, Porto e Coimbra.

BAPTISTA DINIZ

OS GAGOS

Comedia n'um acto para 4 homens e 1 senhora.

Preço..... 120 réis

Pedidos ao auctor em PORTALEGRE.

LIVRARIA DE MELLO GUIMARÃES

AVEIRO

Manuel Pinheiro Chagas

O Abbade Constantino, 1 volume..... 700

Manuel B. Branco

El-rei D. Manuel..... 700

D. Albertina Paraizo

Almanach das Senhoras portuguezas e brazileiras, para 1888..... 240

D. Guiomar Torrezão

Almanach das Senhoras, para 1888... 240

Almanach Illustrado do Ocidente, para 1888..... 200

Almanach Burocratico e Commercial de Lisboa, para 1888..... 200

Almanach Illustrado, por F. Pastor... 200

RAMALHO ORTIGAO

JOHN BULL

depoimento d'uma testemunha ácerca de alguns aspéctos da vida e da civilisação ingleza

1 vol. 600 reis, pelo correio 630 réis

A' venda na livraria Chardron de Lugan & Genelioux, successores. Clerigos, 98—Porto.

NOVIDEDE LITTERARIA

TITO MARTINS

AGUARELLAS

Publicação mensal de elegantes volumes de contos, edição de luxo, illustrada com gravuras e capas lytographadas a quatro côres.

Cada volume 100 reis.—A' venda em todas as livrarias.

SILVIO PELLICO

AS MINHAS PRISÕES

TRADUCÇÃO

DE

CUNHA QUEIROZ

Um elegante volume in-8.º, de 332 paginas, illustrado, com magnifico papel. Preço 400 reis, pelo correio 450 réis. Pedidos aos editores Campos & C.ª, 86, rua Augusta, 88—Lisboa.

GUIA DO NATURALISTA

Colleccionador, preparador e conservador

POR

Eduardo Sequeira

2.ª edição refundida e illustrada com 131 gravuras. Um volume brochado, 500 reis, pelo correio franco de porte a quem enviar a sua importancia em estampilhas ou vales do correio á Livraria—Cruz Coutinho, editora. Rua dos Caldeireiros, 18 e 20, Porto

A FATEIXA

Publicação mensal sobre coisas... portuguezas. Um volume de 180 paginas collaborado por escriptores distinctos, 200 reis. Deposito na livraria de Barros & Filha, rua 104 a 114, Porto.

ALBUM DE COSTUMES PORTUGUEZES

AGUARELLAS

DE

Alfredo Roque Gameiro, Columbano Bordallo Pinheiro, Condeixa, Malbôa, Manuel de Macedo, Raphael Bordallo Pinheiro e outros.

ARTIGOS DESCRIPTIVOS

DE

Fialho d'Almeida, Julio Machado, Pinheiro Chagas, Ramalho Ortigão e Xavier da Cunha

Publicação quinzenal aos fasciculos

Assigna-se na casa editora de David Corazzi, Lisboa, Rua da Atalaya, 40 a 52. e na Filial do Porto, Praça de D. Pedro, 127, 1.º andar.

VICTOR HUGO

OS MISERAVEIS

Explendida edição portuense illustrada com 500 gravuras

Em virtude dos muitos pedidos que temos recebido para abrirmos uma nova assignat ra d'este admiravel romance que comprehende 5 volumes ou 70 fasciculos em 4.º, optimo papel e impressão esmeradissima, sendo illustrado com 500 gravuras, resolvemos fazel-o nas seguintes condições:

Os srs. assignantes pódem receber um ou mais fasciculos cada semana ao preço de 100 reis cada um, pago no acto da entrega. Tambem pódem receber aos volumes brochados, ou encadernados em magnificas capas de percalina, feitas expressamente na Allemanha, contendo lindissimos desenhos dourados.

Preço dos volumes:—1.º volume brochado, 1$500 reis; encadernado, 2$400 reis; 2.º volume brochado, 1$350 reis; encadernado, 2$200 reis; 3.º volume brochado, reis 1$250; encadernado, 2$100 reis; 4.º volume brochado, 1$650 reis; encadernado, reis 2$500; 5.º volume brochado, 1$450 reis; encadernado, 2$300 reis. A obra completa em brochura, 7$250 reis; encadernada, reis 11$500.

Para as provincias os preços são os mesmos que no Porto, franco de porte; e sendo a assignatura tomada aos fasciculos, serão estes pagos adiantados om numero de cinco. A casa editora garante a todos os individuos que angariarem 5 assignaturas a remuneração de 20 por cento. ficando os mesmos encarregados da distribuição dos fasciculos.

Aceitam-se correspondentes em todas as terras do paiz.

N. B.—Os preços acima exarados são assim estabelecidos unicamente em Portugal.

Toda a correspondencia deve ser dirigida á Livraria Civilisação, de Eduardo da Costa Santos, editor, Rua de Santo Ildefonso, 4 e 6—Porto.

Bibliotheca do Povo e das Escolas

Cada volume 50 reis

NUMERO 150

OS BALÕES EM PORTUGAL

POR

JOAO MARIA JALLES

(capitão de artilheria)

David Corazzi, Editor.—Empreza Horas Romanticas, 40 a 52, Rua da Atalaya.—Lisboa.

TYPOGRAPHIA AVEIRENSE

Largo da Vera-Cruz

AVEIRO